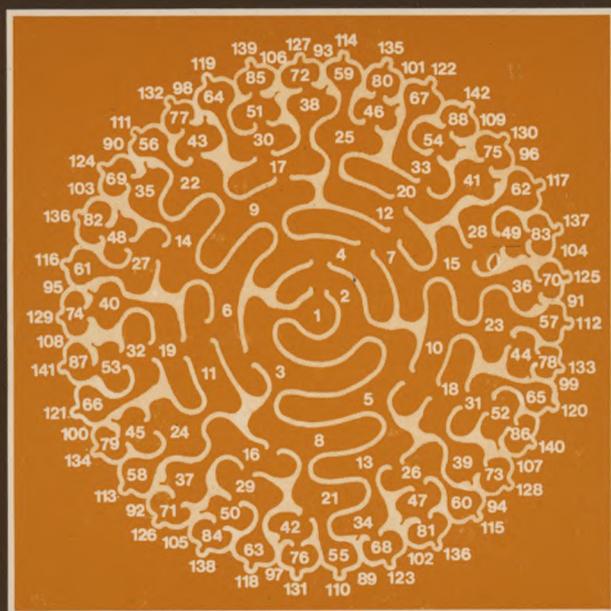


# Antônio Sérgio



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1983

## ANTÓNIO SÉRGIO: CARTAS DO EXÍLIO A JOAQUIM DE CARVALHO (1927-1933)

As cartas que se seguem foram escritas por António Sérgio a Joaquim de Carvalho (1892-1958) num momento importante da nossa vida contemporânea: a liquidação da I República. Mais concretamente, foram redigidas entre a revolta demo-republicana de 3 de Fevereiro de 1927 e a consolidação do regime saído do golpe de estado de 28 de Maio do ano anterior. Como se sabe, a revolta fracassou e muitos dos seus promotores, incluindo o general Sousa Dias (\*), seu líder, foram deportados para S. Tomé, Angola e Ilhas; outros, como Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro, Raúl Proença, seguiram o caminho do exílio. A eles se juntou António Sérgio, particularmente perseguido pelo seu envolvimento na campanha contra o empréstimo que, por esta altura, a ditadura procurava obter nas praças financeiras da Europa. E depois de passar por Espanha, veio a fixar-se em Paris, cidade de onde escrevia a Joaquim de Carvalho a 4 de Abril de 1927.

Está por escrever a história da resistência nos primórdios do salazarismo <sup>(2)</sup>, nomeadamente a que diz respeito à *Liga de Defesa da República* animada por Álvaro de Castro, Afonso Costa, Jaime Cortesão, José Domingos dos Santos, António Sérgio <sup>(3)</sup> e outros. Mas a leitura da documentação

C) Cf. A. H. Oliveira Marques, *O General Sousa Dias e as Revoltas contra a Ditadura*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1975, p. 39.

<sup>(2)</sup> No entanto, a par da obra atrás citada, alguns dados importantes foram já compilados também por A. H. Oliveira Marques: *A Unidade da Oposição à Ditadura 1928-1931*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1973; *A Liga de Paris e a Ditadura Militar 1927-1928*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1973.

<sup>(3)</sup> António Sérgio tomou posse do cargo de vogal da *Junta Directiva da Liga* em 17 de Junho de 1927. Cf. A. H. Oliveira Marques, *A Liga de Paris e a Ditadura Militar*, p. 22.

já publicada transmite-nos uma ideia das intenções, dificuldades e divergências então vividas pelos activistas democráticos. No entanto, devido à sua natureza officiosa, nada nos dizem acerca das condições existenciais dos protagonistas desses combates, lacuna que pode ser preenchida com a divulgação de testemunhos de cariz mais pessoal.

Para se compreender o contexto em que foram escritas, importa também sublinhar o perfil do seu destinatário. Joaquim de Carvalho, professor universitário em Coimbra, filósofo e historiador da cultura de inspiração neo-kantiana <sup>(4)</sup>, situava-se politicamente nos terrenos de um republicanismo liberal a que não tinha sido estranho um ponto de partida jacobino-maçónico <sup>(5)</sup>. A par das suas actividades docentes, desempenhava igualmente o cargo de director da Imprensa da Universidade <sup>(6)</sup>. E a triplice condição de professor, editor e, dentro de certos limites, correligionário, conjugada com os interesses intelectuais de Sérgio e as suas necessidades económicas, ajuda a explicar o conteúdo desta correspondência. As cartas tratam, predominantemente, de projectos de tradução e de edição. Assim sendo, o seu interesse assenta, em grande medida, nas informações que nos dão não só quanto ao tipo de relações que então existiam entre ambos, mas também acerca das intenções iluministas que animavam a intelectualidade apostada em fazer contra-corrente ideológica ao avanço do salazarismo. Porém, embora a política esteja sempre em pano de fundo e a filosofia apareça amiúde no centro do debate, o seu valor decisivo radica, a nosso ver, no testemunho directo da vida de Sérgio transmitido num momento de verdade: o exílio, situação em que a sua personalidade moral e complexidade humana se revelam sem mediações. O exílio é sempre um lugar de solidão que convida à interro

<sup>(4)</sup> Sobre a vida e o pensamento de Joaquim de Carvalho, para além da obra de Jorge Peixoto adiante citada, vejam-se: Barahona Fernandes, «Joaquim de Carvalho — Pessoa e Atitude Espiritual», *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, n.º 9, 1963, pp. 889-915; Alberto Ferreira, «Joaquim de Carvalho e a Cultura Portuguesa», *Vértice*, n.º 211, 1961, pp. 135 e ss., e n.º 216, pp. 325-33; Orlando Ribeiro, «Joaquim de Carvalho: Personalidade e Pensamento», *Biblos*, vol. 56, 1980, pp. 1-6.

<sup>(5)</sup> Por informações de contemporâneos seus, sabemos que o próprio Joaquim de Carvalho não escondia ter militado na loja maçónica *A Revolta* entre 1912 e 1924.

<sup>(6)</sup> Joaquim de Carvalho foi nomeado administrador da *Imprensa da Universidade* a 30 de Julho de 1921 e dirigiu-a até 1934. Cf. Jorge Peixoto, *A acção de Joaquim de Carvalho na Imprensa da Universidade de Coimbra*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1976, p. 28.

gação do sentido da própria existência. E em algumas cartas, encontramos Sérgio, não a interrogar os outros, como era seu hábito, mas a perguntar pela razão de ser da sua própria vida.

Assim, julgamos que a sua publicitação se justifica quer pelo que afirmam explicitamente, quer pelas achegas biográficas que ayançam, sobretudo se articuladas com outros testemunhos. E que, mesmo com uma temática ajustada à conjuntura e ao perfil do interlocutor, põem à disposição do leitor uma diversidade de dados que podem ser úteis tanto para os que se dedicam ao estudo da vida e da obra de Sérgio, como para os que se interessam pela história política ou pela história cultural da época contemporânea.

E para cumprirmos os propósitos últimos que presidiram a esta edição — revelar documentos que possibilitem um alargamento das perspectivas sobre o homem e o seu tempo— elaborámos breves anotações e um conjunto de dois índices, de modo a que um público tão vasto quanto possível tenha um fácil acesso ao enquadramento histórico e bibliográfico das situações e dos indivíduos referenciados por Sérgio nesta correspondência.

Por fim, queremos registar o devido agradecimento à família do Prof. Joaquim de Carvalho, que nos facultou esta parte das cartas escritas pelo ensaísta ao mestre de Coimbra, e nos autorizou a sua publicação. A todos o nosso obrigado.

*Fernando Catroga  
Aurélio Veloso*

António Sérgio

1

CASA EDITORIAL  
FRANCO IBERO AMERICANA  
MUÑOZ ESCAMEZ, EDITOR  
222, BOULEVARD St-GERMAIN, PARIS  
Registro Comercial: Seine 329.264

Téléphone: FLEURUS 57-90

ADRIME-PARIS (Código ABC)

Paris, 4 de Abril [1927] \*

Meu querido Amigo

Estou a dirigir a secção luso-brasileira, agora criada, desta Casa editorial 0). Lembrei-me de editar, sem demora, uma tradução da *Historia da Literatura portuguesa*, do Bell (2). Escrevi neste sentido ao Agostinho de Campos (3), que me respondeu o seguinte:

«A Imprensa da Universidade (4) comprou por x libras (não sei quantas) o direito de tradução em português, e eu comprometi-me a traduzir a 1ª parte do livro, para o que já tenho bastante trabalho feito, ficando a tradução da 2.ª parte a cargo do dr. Barros e Cunha» (5).

Pode ser que o que lhe vou dizer seja uma tolice formidável, mas diz o povo que é falando que a gente se entende:

É possível que a Imprensa da Universidade, que está cheia de trabalho, não possa por enquanto editar o livro, que, como sabe, faz muita falta à cultura nacional. Nesse caso, quererá vender-me os direitos de tradução, pois estou em circunstâncias de editar já a obra?

Tem falado ao Nemésio? (6) Ele conseguiu tratar daquele negócio editorial que lhe propus?

Um grande abraço do seu muito amigo e admirador

A. Sérgio

\* Sempre que a data surgir sem qualquer sinal significa que foi escrita por Sérgio; quando inserida em parêntesis rectos [ ] quer dizer que foi tirada do carimbo do envelope; o parêntesis curvo ( ) indica que foi induzida por nós a partir do seu conteúdo.

(1) Sérgio refere-se à *Casa Editorial Franco Ibero Americana Muñoz Escamez, Editor*, com escritórios no Boulevard St. Germain, 222, Paris.

O Aubrey Fitz-Gerald Bell (1881-1950). Lusófilo inglês. Viveu em Portugal entre 1911 e 1940. Dedicou-se ao estudo da literatura portuguesa, sobretudo dos períodos medieval e renascentista. A obra mencionada por Sérgio foi editada em Coimbra, pela Imprensa da Universidade, em 1931.

(2) Celso Azevedo Agostinho de Campos (1870-1944). Jornalista e escritor.

(3) A Imprensa da Universidade foi fundada pelo Marquês de Pombal em 1759.

Teve como seu último director Joaquim de Carvalho. Foi fechada por razões políticas em 1934.

(4) Professor Doutor João Gualberto Barros e Cunha.

(5) Vitorino Nemésio (1901-1978). Professor da Universidade de Coimbra e depois da Universidade de Lisboa. Romancista, poeta e ensaísta.

Paris, 24 de Abril [1927]

Meu querido Amigo

Muito obrigado pela sua carta. Tenho pena de que o Agostinho de Campos demore a tradução do Bell, porque o livro faz falta às nossas escolas e estudantes, que não conseguiram até hoje um manual apresentável da nossa literatura.

Pedem-me às vezes que aconselhe um livro; aponto o Bell, mas nem todos lêem inglês, e o original, além disso, é caro.

Acabo de receber uma carta do Nemésio que começa assim: «*Carta suplementar para lhe dar uma novidade*». Isto faz-me supor que êle me escreveu outra carta, de que esta é suplemento, e que não recebi. Não recebi também os n.<sup>os</sup> da *Gente Nova O*, cuja remessa êle me anuncia. Peça-lhe que lhe diga isto.

Diz-me também que o meu Amigo é de opinião que eu devia concorrer à cadeira de Filosofia, em Coimbra, pois parece que vão abrir concursos. Ora, eu agradeço-lhe muitíssimo a gentileza da ideia, mas fiz casa em Lisboa, não posso ir para Coimbra, nem fazer a viagem para lá ir dar aulas, como fazia a D. Carolina (2). O Porto está bem mais perto de Coimbra do que Lisboa. Além disso, ir a concurso representava agora a necessidade de escrever uma tese, coisa para que absolutamente me falece o tempo, com a vida ultra-complicada que tenho.

Diga-me uma coisa: de quem são os direitos da edição dos *Sonetos do Antero*? (3) Vou publicar uma colecção de livrinhos pequenos (Biblioteca Liliput) (4) com obras-primas, em português, originais ou traduzidas, e gostaria de incluir os *Sonetos* (5), se, fosse possível. São, como lhe disse, voluminhos pequenos de 150 páginas. Seria possível, por outro lado, publicar uma selecção das prosas anterianas (150 páginas pequenas?).

Eis um não pequeno número de perguntas!

Abraça-o o admirador m.<sup>to</sup> amigo e grato

A. S.

C<sup>1</sup>) *Gente Nova* (1927). Órgão próximo do *Centro Republicano Académico*, dirigido por Carlos Cal Brandão, Sílvio de Lima, Paulo Quintela e Vitorino Nemésio. O primeiro número saiu a 9 de Abril de 1927, e o último (n.º 18) a 12 de Maio de 1928.

O Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925). Lusófila alemã; adquiriu a nacionalidade portuguesa pelo seu casamento com Joaquim de Vasconcelos. Em 1911, foi nomeada professora da Faculdade de Letras de Lisboa, onde não exerceu pois transferiu-se para Coimbra, continuando, contudo, a residir no Porto. Ainda conviveu com os grandes vultos da *Geração de 70* (Antero, Teófilo, Adolfo Coelho) e dedicou-se à filologia e ao estudo da cultura portuguesa.

F<sup>2</sup>) Antero Tarquinio de Quental (1842-1893). Poeta e filósofo. A primeira edição dos *Sonetos Completos* saiu em 1886 com um prefácio de Ohveira Martins. Tanto o autor como o tradutor, foram das figuras que mais influenciaram o pensamento de Antônio Sérgio.

(4) Com o título «Biblioteca Miniatura» — e não «Biblioteca Liliput» —, Sérgio editou em Paris, nos anos seguintes, uma selecção das *Odes, éclogas, elegias e canções*, de Luís de Camões; em antologia separada, seleccionou algumas redondilhas do Épico.

O<sup>5</sup>) De Sérgio, nesta conjuntura, só conhecemos edição de *Sonetos escogidos* (Prefácio e selecção de Antônio Sérgio), Santiago de Compostela, Publicaciones del Instituto de Estudios Portugueses, 1933.

*António Sérgio*

3

CASA EDITORIAL  
FRANCO IBERO AMERICANA  
MUÑOZ ESCAMEZ, EDITOR  
222, BOULEVARD St-GERMAIN, PARIS  
Registro Comercial: Seine 329.264

Téléphone: FLEURUS 57-90

ADRIME-PARIS (Código ABC)

Paris, 25 de Maio [1927]

Meu querido Amigo

Muitíssimo obrigado pela sua resposta. Neste correio escrevo ao homem. Cá farei a assinatura. Recebi o 2.º número do jornal dos rapazes, de que gostei 0).

Apareça à frente do ministério português uma pessoa com quem nós possamos tratar, e que restabeleça a liberdade de pensamento e crítica, e entraremos em Portugal para lutar pelas reformas com meios pacíficos; mas com o P. e S. (2) não podemos ter relações (3).

E mais uma vez mil agradecimentos.

Há muito que não tenho notícias do Nemésio.

Muito ad.<sup>or</sup> e amigo

A. Sergio

0) Referências à revista *Gente Nova*.

0 Iniciais do nome do tenente coronel Abílio Augusto Valdês de Passos e Sousa, então Ministro da Guerra.

0 Neste passo, António Sérgio faz eco da tomada de posição da *Liga de Paris* contra «a aproximação e entendimento entre o ministro da Guerra e alguns republicanos que estão em Portugal». O teor desta deliberação pode ler-se em A. H. de Oliveira Marques, *A Liga de Paris e a Ditadura Militar. 1927-1928*, p. 6.

4

CASA EDITORIAL  
FRANCO IBERO AMERICANA  
MUÑOZ ESCAMEZ, EDITOR  
222, BOULEVARD St-GERMAIN, PARIS  
Registro Comercial. Seine 329.264

Téléphone: FLEURUS 57-90

ADRIME-PARIS (Código ABC)

Paris, 10 de Julho [1927]

Meu prezado Amigo:

Telegrafei ontem ao Selvagem C) nestes termos:  
«Li calunias *Imparcial* (?) dia 5. Diga que tenciono fazer».  
Ao mesmo tempo mandei-lhe a seguinte carta:

### *Curtas do exílio de António Sérgio*

«Acabo de lhe enviar um telegrama. Li, no *Imparcial* de 5, pulhissimas calunias a meu respeito. Diz o cabeçalho do periodico que o primeiro redactor principal é Carlos Selvagem. Rogo que me diga, o mais breve possivel, que tenciona fazer para ilibar completamente o seu nome de qualquer responsabilidade nessa infamia».

Na mesma ocasião, escrevi a um advogado, para que em meu nome chamasse o *Imparcial* aos tribunais, por crime de calunia contra mim. Lá, perante os juizes, se discutirão as provas que eles dizem ter. São bastante pulhas para afirmar, sabendo que mentem; mas também bastante imbecis para ter comprado provas falsas, vendidas por um espertalhão. A comedia promete ter graça. A ver vamos.

Rogo-lhe que faça constar por toda parte que vou chamar o *Imparcial* aos tribunais.

Seu amigo muito obrigado e admirador

António Sérgio (\*)

(\*) Carlos Selvagem (1890-1973). Historiador e ficcionista. Nome literário do escritor Carlos Tavares de Andrade Afonso dos Santos. Militar de carreira, alcançou o posto de coronel em 1945. Depois de ter apoiado o regime instaurado em 28 de Maio, rompeu com Salazar. Perseguido, foi obrigado a reformar-se em 1947.

O *Jornal* fundado em 1927 por Carlos Selvagem e Henrique Galvão (1895-1970) para apoiar o novo regime. Por isso, combateu os elementos republicanos que se opunham à nova ordem e, em particular, ao empréstimo que a ditadura tentava obter junto de governos estrangeiros. Sérgio foi um dos principais activistas da campanha anti-empréstimo. Daí que a imprensa situacionista usasse de todos os meios para desacreditar a sua acção. Assim, *O Imparcial* acusava os «emigrados políticos, os chefes sinistros dos bandos a quem Portugal esteve entregue durante dezasseis anos de escândalos» de se terem mancomunado «com os bolchevistas para reconquistar a herdade que durante tão largos anos exploraram» (*O Imparcial*, n.º 59, 4-VII-1927, p. 1). Para a concretização desse plano, «António Sérgio vai a Londres e aí recebe dos bolchevistas 4 milhões de francos, que deposita nas mãos de Álvaro de Castro, tesoureiro da Junta Revolucionária» (*Idem, ibidem*). E, no número seguinte, adianta pormenores sobre «essa revolta bolchevista que a Junta de Paris marcou para antes de Setembro e para a qual Afonso Costa, Álvaro de Castro, José Domingues dos Santos, António Sérgio, Jaime Cortesão, António Maria da Silva, Sangreman Henriques e outros trabalham activamente» (*Idem*, n.º 60, 5-VII-1927, p. 1). A denúncia desta campanha visando ligar a oposição democrática ao bolchevismo foi feita num manifesto enviado aos jornais com a data de Julho de 1927 e assinado pela *Junta Directiva da Liga de Defesa da República* (Afonso Costa, Álvaro de Castro, José Domingues dos Santos, António Sérgio e Jaime Cortesão). Em particular, Sérgio desmonta a calúnia na *Carta aberta aos oficiais que ainda admitem a ditadura*, publicada ainda em 1927.

*António Sérgio*

5

CASA EDITORIAL  
FRANCO IBERO AMERICANA  
MUÑOZ ESCAMEZ, EDITOR  
222, BOULEVARD St-GERMAIN, PARIS  
Registro Comercial. Seine 329.264

Téléphone: FLEURUS 57-90

ADRIME-PARIS (*Código ABC*)

Paris, 29 de Novembro, 1927

Meu presado Amigo

Remeti-lhe ha dias um exemplar da minha tradução da *Vida em flor* (\*). Simples trabalho de struggle for life: faina de proscrito.

Também não tive a menor noticia do Couto Martins (2). Teria com efeito morrido o homem? Que fazer? Este, e muitos outros casos infinitamente mais estrambóticos, me persuadem que a questão da propriedade literaria precisaria de uma reforma completa; mas nesse assunto, divirjo da opinião dos escritores, para me aproximar da do Herculano (3). Haverá algum amigo nosso que possua a *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, 2.º ano, 1882, e que ma possa emprestar por tres dias?

O Silvio de Lima (4) appareceu-me por aqui. Aconselhei-o a ir para Genebra estudar com o Claparède (5), e ele assim fêz.

Um bom abraço do seu amigo e admirador

António Sérgio

C) Livro de memórias de Anatole France (1844-1924), publicado em 1922. A tradução, editada pela Casa Editorial Franco Ibero Americana, saiu em Paris em 1927.

O Editor, em cujos prelos Sérgio editou vários dos seus trabalhos.

(\*) Alexandre Herculano (1810-1877). Combatente liberal, poeta, romancista e historiador. Um dos principais mestres de António Sérgio.

(4) Silvio de Lima. Nasceu em Coimbra em 1904. Professor universitário com trabalhos publicados nos domínios da psicologia e da filosofia.

(5) Edouard Claparède (1873-1940). Psicólogo suíço. Ensinou psicologia experimental em Genebra, e, em 1912, fundou o Instituto J. J. Rousseau vocacionado para a investigação no campo da psicologia infantil.

6

Paris, 7 de Maio (1929)

Meu querido Amigo.

Aqui lhe remeto inclusa a conferência C1) que quer ter a bondade— e dar-me a honra — de ler aos rapazes. Saiu uma coisa excessivamente abstracta e maçadora (2), mas não tenho tempo de fazer outra. Peço que interrompa de vez em quando a leitura, para explicar e criticar o que eu fôr dizendo. Enfim, dê-lhe o meu Amigo a vida e o interesse que a ela lhe faltam, e trate-a como uma má matéria pri-

ma para fabricar com ela uma conferência sua. Será a salvação, e a única solução da dificuldade.

Estive ainda ontem com seu cunhado (3), que passa bem, assim como a esposa e pequenitos. Soube que tencionou vir a Paris neste mês, mas que afinal desistiu. *Schade!*

Da *Seara Nova* (4) propuseram ao Fragoso sustentar na revista uma página dos moços de Coimbra (8), para o compensar do fracasso do projecto da *Humanidade* (6); mas êle apresentou a pretensão egoísta e ditatorial de ser essa parte da *única e exclusiva* direcção dele; ora, a *Seara Nova* não pode desistir de dirigir-se a si mesma, escravizando-se a quem quer que seja. Nisso, o rapaz revelou um espirito bem pouco *seareiro*. Fez-me pena.

Um agradecido aperto de mão do seu muito amigo e admirador

António Sérgio

0 Esta conferência foi lida na «Semana da Cultura» promovida pela Associação dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra realizada nos dias 20 a 25 de Maio de 1929. O programa era o seguinte: primeiro dia: discurso inaugural pronunciado por Aurélio Fragoso, presidente da Associação promotora, seguindo-se a conferência de Sérgio, *Considerações sobre o Problema da Cultura*. (Como Joaquim de Carvalho se teve de ausentar para Lisboa, a sua leitura coube a Sílvio de Lima); no dia 21, Luís Simões Raposo, assistente da Universidade de Lisboa, falou sobre *O Pensamento Científico Contemporâneo*; no dia 22, Joaquim de Carvalho sobre *A Tradição Filosófica Portuguesa e o espírito contemporâneo*; no dia 23, Faria de Vascelos dissertou sobre *Educação Nova*; no dia 24, Reinaldo dos Santos apresentou a comunicação *A Arte expressão da Cultura*; e no dia 25, Rui Coelho falou sobre a *Vida Musical portuguesa*. Cf. *O Primeiro de Janeiro*, n.º 114, LXI ano, 17-V-1929, p. 5, col. 1; n.º 120, 24-V-1929, p. 3, col. 8; n.º 123, 28-V-1929, p. 5, col. 5.

0 As *Considerações sobre o Problema da Cultura* saíram impressas nos *Ensaio*s, t. III, Lisboa, Edições da «Renascença Portuguesa», 1932, pp. 33-80.

0 Trata-se de João Maria Santiago Prezado, escritor e político. Foi Governador Civil do Funchal (1912-13), deputado. Esteve exilado entre 1928 e 1933. Era cunhado de Joaquim de Carvalho pelo seu casamento com Dulce Montezuma Dinis Corte Real Câmara Leme, irmã da esposa do professor de Coimbra.

0 *Seara Nova*. Revista de acção doutrinária fundada em Outubro de 1921 para propagandear ideias de reforma intelectual e social de inspiração democrática. Teve como fundadores e primeiros directores: Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Faria de Vascelos, Ferreira de Macedo, Francisco António Gouveia, Jaime Cortesão, Azeredo Perdigão, Camara Reis, Raúl Brandão, Raúl Proença. Alguns destes saíram mais tarde, entrando para o seu corpo redactorial figuras como Azevedo Gomes, Sarmento Pimentel, Sarmento de Beires, António Sérgio. De entre todos, foi sem dúvida António Sérgio, a par de Raúl Proença, que lhe marcou a orientação doutrinária que a veio notabilizar.

0 Sérgio refere-se ao grupo que redigia a revista *Gente Nova* e animava a Associação de Estudantes da Faculdade de Letras. Aurélio Fragoso era então o seu presidente.

0 Deve tratar-se de um lapso, pois o ensaísta referencia o fracasso do projecto da *Gente Nova*, revista que acabou em 12 de Maio de 1928. Com efeito, é de acreditar que o nome *A Humanidade* lhe aparecesse por associação de ideias devido ao facto de ter existido alguns anos atrás, também em Coimbra e dirigida por Nemésio, uma publicação com aquele nome (15 de Março de 1925). Assim sendo, a *Gente Nova* deu continuidade a *A Humanidade*; e para suprir o desaparecimento daquela foi criada a revista *Humanidade*, agora no Porto (3 de Novembro de 1929), e sob a direcção do antigo redactor da *Gente Nova*, Carlos Cal Brandão.

Hotel des Etranges  
*Le Mont-Dore*  
(Puy-de Dôme)

8-8-29

Meu caro Amigo

Acabo de ler com delícia, na *Seara*, o terceiro dos seus artigos sobre o Antero (\*). Muito interessante tudo, e designadamente o comentário aos *três cavaleiros* (2).

O Sylvio de Lima falou-me numa carta sua que não sei bem se será a que recebi e em que me falava do próximo aparecimento do livro do Hernani Cidade (3). Não lhe parece que seria interessante criar entre as edições da *Imprensa da Universidade* uma colecção de doutrinas político-sociais modernas? Traduções do francês, do inglês, do alemão. Quando a República fôr entre nós restabelecida, tomará grande actualidade para a nossa elite o problema da reorganização do Estado, da reforma constitucional, etc.: é de toda a probabilidade que tais livros se vendessem bem. Se aprovasse a ideia, poderíamos pensar depois nas obras a traduzir. Parece-me que seria uma interessante *Biblioteca de Cultura Política*, ao pé de uma *Biblioteca de Cultura Filosófica* (4), em que suponho que pensa, a avaliar pelo que me disse o Sylvio de Lima.

Um grande abraço do seu amigo muito grato e admirador

António Sérgio

0 Joaquim de Carvalho «A evolução espiritual de Antero», n.º 162, VII ano, 23-V-1929, pp. 275-80; n.º 166, 20-VI-1929, pp. 339-43; n.º 171, VIII ano, 25-VIM929, pp. 35-40; n.º 175, 22-VIII-1929, pp. 99-104; n.º 178, 12-IX-1929, pp. 147-53.

0 Sérgio destaca a leitura que o professor de Coimbra faz do poema anterioro *Os vencidos*. Cf. Joaquim de Carvalho, *A evolução espiritual de Antero (Ensaio de breve interpretação)*, Lisboa, Seara Nova, 1929, pp. 57 e ss.

0 António Hernani Cidade (1887-1975). Professor universitário e historiador de literatura portuguesa.

0 Como se verá, se a *Biblioteca filosófica* foi concretizada, a *Biblioteca de cultura política* não foi por diante^.

8

108, Boulevard Berthier (17<sup>e</sup>)

Monsieur

P. S. Seus cunhados estive- Le Prof. Joaquim de Carvalho  
ram cá ontem. Bem. Oxalá Universidade de Coimbra - Portugal  
para o ano ponham o rapaz  
na Ecole des Roches!

Muito prezado Amigo. Recebi o discurso e o seu estudo sobre o Antero O, que vou ter o gosto de reler. Muitissimo obrigado.

Segundo a sua sugestão, escrevi a León (2), que me responde que transmitiu o pedido a Prat (3), herdeiro do Renouvier (4). Alegra-me a

## Cartas do exílio de António Sérgio

notícia, que me dá, sobre as cartas do Antero (5). Vai ser um grande acontecimento. Logo que receba resposta do Prat lha transmitirei. Afetuosos cumprimentos do seu amigo e admirador — A. S. P. S. Endereço do Cortesão (6): Villa Saint-Georges, 35, Avenue Carnot, Saint-Germain-en-Laye.

16-11-29

O Referência ao estudo *A evolução espiritual de Antero*, Lisboa, Seara Nova, 1929.

(2) Xavier de León (1868-1935). Historiador da filosofia; fundador da *Revue de Métaphysique et Morale* e da *Société Française de Philosophie*.

(3) Louis Prat, filósofo neocriticista e o mais fiel discípulo de Renouvier. Na sua obra *La religion de l'harmonie*, 1922, defendeu as ideias sociais e religiosas do mestre.

(4) Charles Renouvier (1815-1903). Um dos principais representantes do neocriticismo francês. Sérgio refere-se às *Derniers Entretiens*, recolhidas por L. Prat, e editadas em 1905.

(5) Foram publicadas por Joaquim de Carvalho com o título *Cartas inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.

(6) Jaime Cortesão (1884-1960). Médico, poeta e historiador. Pertenceu ao grupo *Seara Nova* e foi um dos mais assíduos companheiros de Sérgio na luta em prol de uma nova República e, depois, no combate contra o regime salazarista.

## 9

108, Boulevard Berthier (17<sup>e</sup>)  
Le 21 novembre 1929

Meu querido e presado amigo. Recebi hoje resposta do Xavier Léon, concebida nos seguintes termos: «Je suis heureux de pouvoir vous dire que M. L. Prat accepte votre proposition de traduire en portugais les *Derniers Entretiens*».

Não sei se devo interpretar isto como uma autorização *sem condições*. Parece-me que sim; quando não, o Léon dar-me-hia o endereço do Prat para me entender com êle directamente. Como a minha situação financeira é agora muitíssimo delicada (penso até em abandonar Paris, para ir buscar trabalho a outra qualquer parte) convir-me-hia começar desde já a tradução, para receber o mais cedo possível a paga que à Imprensa da Universidade aprovar dar-me. A obra está esgotada, e não tenho comigo nenhum exemplar. Aguardo a., suas ordens.

Estive ontem em casa do seu cunhado. Continuam a passar bem. Palrámos da demissão do ministro da Instrução, que não sabemos que consequências poderá ter 0). Vou reler agora, em volume, o seu excelente *Antero*. Creio que já lhe disse que o Cortesão mora na Villa Saint-Georges, 35, avenue Carnot, *Saint-Germain-en-Laye*. Muito obrigado pelo envio da minha conferência. Já havia recebido a cópia do Frágoso, que remeti para o Porto. Emendarei nas provas o caso do Diógenes o Cínico O em vez de Demócrito de Abdera (3). Vejo pois que a minha memória me traiu (4). A minha vida errante obriga-me a confiar tudo à cabeça. Não tomo um apontamento; limito-me a marcar os livros, mas quasi nunca tenho os livros comigo! Seu

A. S. (\*)

(\*) Eco da demissão do então ministro da Instrução, major Eduardo Costa Ferraz, aceite em 13-XI-1929.

## António Sérgio

O Diógenes o Cínico (413-323 a. C.). Filósofo grego.

(®) Demócrito de Abdera (séc. V a. C.). Filósofo grego.

(4) Na primeira edição impressa saiu assim: «Dom Francisco Manuel de Melo — o qual, na qualidade de autêntico português que foi, filho do povo dos Navegadores, era um verdadeiro cosmopolita, — escreveu que ‘entre os sábios não há nações, por onde já dissera um grego antigo que era cidadão do mundo inteiro’ (referia-se talvez a Diógenes o Cínico, ou a Demócrito de Abdera)» (A. S., «Considerações sobre o Problema da Cultura», *Ensaios*, t. II, pp. 51-52).

### 10

108, Boul. Berthier (17<sup>e</sup>)  
23-11-29

Querido e presado Amigo. Na Biblioteca do Museu Pedagógico há os *Derniers Entretiens*, que eu poderia trazer para casa se não estiverem emprestados a outra pessoa. Já lhe mandei ontem dizer que o L. Prat consente na tradução. Aguardo as suas ordens.

¿Não haverá uma livraria-editora de (...) \* que me quisesse encarregar tam (...) \* qualquer trabalho, tradução ou (...) \*

Seu amigo muito grato e admirador

A. S.

108, Boulevard Berthier, Paris, 17<sup>e</sup>  
P. S. Seus cunhados bem.

\* (...) falta no original

### 11

108, Boulevard Berthier (17<sup>e</sup>)  
2 de Dezembro \* [1929]

Meu presado amigo. Recebi os *Derniers Entretiens*, que vou traduzir. Li a sua nota ao trecho do Lucrécio O. A melhor tradução portuguesa dêste que conheço é a do Leitão (2), — o tradutor do *Paraíso perdido* (3). Não lhe parece a preferível? Creio, porém, que êle não verteu tudo; suponho todavia que traduziu o trecho sobre a morte. Deverá ter recebido a minha *História* (4). E ainda uma vez, mil agradecimentos por tudo.

Seu muito grato admirador

A. S.

\* Sérgio riscou Novembro e escreveu, por cima, Dezembro.

(\*) Lucrécio (4- 98-55 a. C.). Pensador e poeta latino. Autor do *De Natura Rerum*.

(2) António José de Lima Leitão (1787-1856). Escritor, médico e político liberal.

## Cartas do exílio de António Sérgio

A tradução com o título *A Natureza das Coisas*, saiu em Lisboa em 1851 (I tomo) e 1853 (II tomo).

C<sup>3</sup>) Milton, *O Paraíso Perdido*, Lisboa, 1840, em 2 tomos.

(<sup>4</sup>) *História de Portugal*, Barcelona, Editorial Labor, 1929.

12

108, Boulevard Berthier. Paris, 17<sup>e</sup>  
13 de Dezembro [1929]

### Meu presado Amigo

Remeto-lhe por êste correio a tradução das *Últimas Conversações* do Renouvier. Ficar-lhe-ia muito grato se me encarregasse de mais trabalhos dêste género. A minha situação financeira é neste momento difficilima.

Parece-me tipograficamente mais belo colocar as anotações juntas, no fim do volume, e assim fiz; se não concorda, o remédio é fácil: basta dizer ao tipógrafo que as introduza no texto.

Procurei tornar a tradução mais clara do que o original.

Na Lauda 52, resolvi-me a criar uma palavra: *percepçionar*,— para tradução de *percevoir*, ter percepção, porque *perceber* tem na nossa lingua uma acepção vulgar que é bem diferente \*. Parecia-me conveniente reunirmo-nos um dia algum amigos da filosofia, para fixarmos certos pontos de vocabulário filosófico em nossa lingua. Há vinte anos quando escrevi a *Natureza da affecção C*, tive que forjai essa mesma *ajecção*. Agora, que decidi publicar uma biblioteca filosófica, era boa ocasião ae fixarmos o vocabulário, para não ficar muito diferente de volume para volume.

Parecia-me conveniente dar à colecção um título, que se imprimiria como *sobre-título* em todos os volumes, os quais suponho conviria tivessem um aspecto tipográfico uniforme.

Nas provas poderei ainda fazer quaisquer aperfeiçoamentos.

Parecia-me também interessante levar cada volume um pequeno introito explicativo seu, como director da colecção.

Seus cunhados bem. Um grande abraço do Amigo muito dedicado, grato e admirador

A. S.

\* Ver a anotação respectiva, na Lauda 108

[A. S.]

(1) *Da natureza da affecção. Ensaio de psychologia e pedagogia*. Separata da *Revista Americana*, n.º 9, IV anno, Rio de Janeiro, 1913.

16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)

[9-1-1930]

Meu querido amigo:

Recebida a sua carta e os dois livros. As provas não chegaram ainda. Alegra-me que lhe não parecesse mal a tradução. Fica pois *percepcionar*. Qualquer termo me serve, contanto que designe uma ideia precisa, e que se não preste a confusões, como o *perceber*. Concordo absolutamente consigo em que é preciso usar palavras diferentes para ideias diferentes. A medida que nas traduções fossem aparecendo as dúvidas, poderíamos ir fixando o nosso vocabulário; a sua colecção prestar-se-ia assim a constituir uma espécie de código do nosso vocabulário filosófico. Como creio que sempre será um nadinha mais difícil encontrar tradutores e leitores para o inglês que para o francês, escolho o Russell O, se a coisa lhe é indiferente. Quanto ao Lucrécio, será mais exacto o Falcão (2), e nada tenho que objectar; mas creio que o Leitão será mais belo, porque êste sabia realmente escrever o verso franco. Tanto no Lucrécio como no Milton (3) tem versos felicíssimos. Não lhe parece? Mas acho que não valeria nada a pena atrasar a composição da obra por causa dêsse pormenor.

A minha proposta dos seus prefaciozinhos tinha por objecto explicitar a unidade de intuito da colecção. Não sendo o director da colecção que os faz, não me interessa que êles existam.

Quanto ao título geral, parece-me bem *Ideas e Estudos*. Talvez não ficasse pior *Filósofos e Sociólogos*, ou então *Filósofos e Moralistas* (4). Ou alguma coisa mais poética, como *O Voo no Crepúsculo* (5) (alusão à frase do Hegel de que a ave de Minerva ergue o seu voo no crepúsculo (6)).

Agora, para a *Atlantida* (7). Creio que teria venda uma série de livros sobre a mulher. As mulheres constituem talvez hoje um público mais extenso de leitores de literatura geral do que os homens. Começaríamos, por exemplo, por uma série de *Retratos de mulheres*, de Sainte-Beuve (8), autor que há uns dois anos caiu no domínio público. Não proponho traduzir integralmente o volume de Sainte-Beuve que tem aquele título, mas fazer uma selecção de estudos sobre mulheres, tirados dos *Retratos de mulheres*, dos *Lundis* e dos *Nouveaux Lundis*. O tomo teria a grandeza que os editores quisessem: era questão de incluir mais ou menos *retratos*. Como sabe, entre os estudos sobre mulheres figuram alguns dos mais encantadores escritos do Sainte-Beuve. Se o livro tivesse êxito, continuar-se-ia com traduções da Gina Lombroso (9) (*A aluna da mulher*, etc.) e outros livros sobre mulheres célebres, que os há interessantíssimos.

Outra colecção a tentar seria a dos estudos políticos de inspiração democrática, como o *Manual republicano* do Renouvier (10), a *Democracia perante a scienda*, as *Ideas Igualitárias*, de Bougie (11), Parodi (12), etc.

Já propus estas duas colecções, há uns dias, à *Parceria António Maria Pereira* (13). Se êles aceitarem uma delas, só poderei propor a outra à *Atlantida*. A resposta da *Parceria* não deve tardar.

A série política poderia contar com a protecção do Estado, mal a normalidade política se restabelecesse em Portugal. Tenho falado

sobre o assunto com Bernardim Machado <sup>(14)</sup>, Afonso Costa <sup>(15)</sup>, etc., e todos êles são da opinião de que é preciso divulgar largamente obras daquele género. Quanto a condições, proponho 5 francos por página; 1500 francos, pois, por um livro de 300 páginas.

Agradeço-lhe muitíssimo a idea de escrever uma notícia sôbre a minha *História*. Veja se sempre vem fazer a conferência sôbre os cripto-judeus. Estou com o maior gosto ao seu dispor para os informes a que alude.

Um bom abraço do seu amigo m.<sup>to</sup> grato e admirador

A. S.

0 Bertrand Russel (1872-1970). Filósofo e matemático inglês.

(2) Agostinho de Mendonça Falcão de Sampaio Coutinho e Póvoas (1783-1854).

Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. A sua tradução foi editada em 1890 pela Imprensa da Universidade. António Sérgio, na tradução das *Últimas Conversações* utiliza a versão de Agostinho Falcão na parte consagrada à morte (Lucrécio, *De natura rerum*, Liv. III, Vs. 946-962, 1037-1072 e 1107). Cf. Renouvier, *Últimas Conversações*, (trad. de Antonio Sérgio), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930, pp. 30-33.

0 John Milton (1603-1674). Poeta inglês.

0 Com efeito, foi este o título definitivamente escolhido para a colecção.

0 Tradução livre da célebre frase de Hegel inserta no prefácio aos *Grundlinien der Philosophie des Rechts*: «die Cule der Minerva beginnt erst mit der einbrechenden Dämmerung ihren Flug».

0 Hegel (1770-1831). Filósofo idealista alemão.

0 Casa Editorial de Coimbra ainda em actividade.

0 Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869). Escritor e crítico literário francês.

As obras citadas nesta carta são as seguintes: *Portraits de femmes* (1844), *Premiers Lundis* 0 vols., 1874-75) e *Nouveaux Lundis* (1863-1870).

0 Escritora italiana filha do célebre antropólogo Cesare Lombroso. Primeiro interessou-se pelo estudo comparativo dos fenómenos religiosos no Ocidente e no Oriente; posteriormente, dedicou-se a investigações de carácter social e, em particular, ao estudo da condição feminina.

<<sup>10</sup>) Renouvier, *Manuel Republicain*, 1848.

0 Célestin Bouglé (1870-1940). Sociólogo francês discípulo de Durkheim e defensor do ideal democrático e laico. As obras aconselhadas por Sérgio, *Les idées égalitaires* e *La démocratie devant la science*, foram editadas em 1900 e 1904, respectivamente.

0 Dominique Parodi (1870-1955). Filósofo e moralista francês defensor de um racionalismo compatível com as aspirações metafísicas e religiosas.

0 Casa editora de Lisboa, ainda em actividade.

0 Bernardino Machado (1885-1944). Professor universitário e político. Primeiro monárquico e grão mestre da Maçonaria, aderiu depois ao republicanismo, voltando a ser ministro e chegando a Presidente da República (1915-1917; 1925-1926). Na conjuntura em que Sérgio escreve esta carta, era o principal dirigente da oposição democrática no exílio.

0 Afonso Costa (1871-1937). Professor universitário e político. Eleito deputado republicano sob a monarquia, em 5 de Outubro elevou-se à posição de principal dirigente do agrupamento republicano mais influente — o Partido Democrático. Chefiou vários governos e, por sua iniciativa, foi promulgada a legislação mais polémica da I República. Em 1929, encontrava-se em Paris e era um dos principais dirigentes da *Liga de Defesa da República*.

Novo endereço: 16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)  
[15-1-30]

Meu querido amigo:

Recebi só hoje a sua carta de 7; as provas das 48 primeiras páginas, que recambio, já chegaram porém há uns 2 ou 3 dias.

Na página 7 o compositor cortou a palavra *resignar* assim: *resig-nar*. Não sei se a ortografia moderna manda cortar desta forma; suponho que não, e que deve ser *resi-gnar*. No Lucrécio, p. 31, imagino que deve ser *Puños*, e não *Penos* (linha 15). Creio que a palavra *innato* se escreve na ortografia moderna com dois *nn* (página 22, linha 8; mas não corriji porque não tenho a certeza.

Já na minha carta anterior divaguei sobre a questão do título geral da colecção. Talvez o de *Filósofos e Mor ansias* pudesse incluir as duas colecções em que pensa, correspondendo a palavra *Moralistas* aos escritores a que chama «não puramente filosóficos».

O Clive Bell *C*) parece-me muito interessante; não sei se os direitos de tradução seriam muito fortes. O itodó <sup>(2)</sup> não conheço. Posso-me encarregar de escrever ao editor do Clive Bell, se quiser.

Na minha última carta, disse-lhe que preferia traduzir, dos dois livros que me mandou, o do Kussell, porque parti da hipótese que queria que eu traduzisse só um deles; mas se lhe agrada que traduza os dois, fá-lo-hei de bom grado.

Parece-me melhor faiar à *Atlantida*, por enquanto, só da série feminina, a começar nos *Retratos de mulheres* de Sainte-Beuve e a continuar (se o 1.º volume tivesse êxito) com a *Alma da mulher* e as *Vidas de mulheres*, da Gina Lombroso, as *Vitoriosas* da Dora Melegari <sup>(3)</sup>, etc.

Um afectuoso abraço do seu muito amigo e admirador

António Sérgio

O Presumivelmente, trata-se do crítico inglês Clive Bell, estudioso dos fenómenos da arte e da cultura. Nasceu em 1881, e foi autor, entre outros, dos ensaios *Art*, 1913 e *Civilization*, 1928.

<sup>(2)</sup> Jose Enrique Rodó (1872-1917). Escritor e político uruguaio, defendia o carácter idealista dos povos latinos contra o utilitarismo anglo-saxónico. Pugnou ainda por um laicismo voltado para a conciliação com o cristianismo. Obras principais *Ariel*, 1900; *Liberalismo y jacobinismo*, 1907; *Motins de Proteo*, 1908.

<sup>(3)</sup> Dora Melegari. Escritora dos finais do século XIX, princípios do século XX, familiar do célebre revolucionário italiano Luigi Amadeo Melegari. Muitas vezes usou o pseudónimo Forsan. Escreveu ensaios políticos, nomeadamente *La Giovine Italia e la giovine Europa, dal cartaggio inedito di Giuseppe Mazzini a Luigi Amadeo Melegari*, Milano, Treves, 1906, e numerosos estudos sobre a condição feminina. Sérgio aconselhava a tradução das suas obras *Ames et visages de femmes. Les victorieuses... Sainte Catherine de Sienn. Christine de Pisan. Isabelle d'Este. Françoise d'Aubigné. Marie Thérèse. Juliette Récamier. Florence Nightingale. Helen Keller*. Desta obra, sabemos que, editada pela Payot, tinha saído um terceira edição em 1914.

16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)  
Sábado, 18-1-30

Querido Amigo:

¿Porque não, em vez de *Biblioteca de Filosofia*, — *Biblioteca de iniciação filosófica*? Já assim se lhe não poderia levar a mal que não desse um Hegel logo de entrada. Que lhe parece?

Já comecei a traduzir o Russell (1). São quinze capítulos, e vejo que posso fazer, em média, um capítulo por dia. Rogo que me diga se quer que, terminado o Russell, inicie a tradução do Ravaisson (2). ¿Parece-lhe bem que, no fim, ponha algumas anotações minhas, para esclarecer certos pontos ao jovem leitor que se inicia nas questões filosóficas? Claro, não abusaria disto, e anotaria o menos possível; mas há por vezes passos que, lidos pelo leitor vulgar, podem firmá-lo em convicções pouco críticas ou demasiado simplistas. O Russell, em uma brevíssima bibliografia que dá no fim, inclue as *Meditações* do Descartes (3) e o *Enquiry concerning human understanding*, do Hume (4). ¿Seria bom metê-las na sua Biblioteca?

Estou ansioso de conhecer a resposta da Atlântida, dadas as minhas míseras condições financeiras. Seria magnífico que êles aceitassem os *Retratos de Mulheres*, livro que me parece acharia público, e que pode ler o tamanho que êles quiserem, introduzindo-se mais ou menos retratos. Se o meu Amigo me pudesse dar um mínimo por conta da tradução do Renouvier (ainda que fôsse pouquíssimo, deixando para depois as contas definitivas) prestar-me-ia um grande serviço.

Vemos que se prolonga a crise ministerial, mas ignoramos o significado do caso e o que se passa nos bastidores (5).

¿Já se fixou no problema do título da colecção?

Ouvi dizer ontem que seu cunhado se muda para Saint-Germain-en-Laye. Eu mudei-me para fora de Paris, por motivos financeiros.

Um abraço do seu amigo muito grato, dedicado e admirador

Antonio S.

O Trata-se da tradução da obra de Russell, *The problems of philosophy*, 1912. Porém, devido ao alto preço a pagar pelos direitos de autor, a edição portuguesa não se concretizou de imediato, pois só saiu em Coimbra, numa edição de Arménio Amado, 1939.

(2) Félix Ravaisson-Mollien (1813-1900). Filósofo francês de orientação espiritualista. Sérgio não chegou a realizar a tradução de qualquer obra deste filósofo.

(3) René-Descartes (1596-1650). Filósofo francês iniciador do racionalismo moderno. A sua obra mais importante, o *Discours de la méthode, pour bien conduire la raison et chercher la vérité dans les sciences*, apareceu anonimamente em 1637, juntamente com os tratados de *Dioptrique, Météores et Géométrie* — dos quais constituía o prefácio —, e sob o título comum de *Essais Philosophiques*.

(4) David Hume (1711-1776). Filósofo inglês de orientação empirista. A obra *An enquiry concerning human understanding* apareceu em 1770.

0 Na sequência do litígio entre Cunha Leal, então governador do Banco de Angola e Salazar, desencadeia-se uma crise em que este ameaçou com a sua demissão. Na sequência desta posição, o gabinete dirigido por Ivens Ferraz entra em demissão colectiva, que é aceite. Para o substituir Carmona chama Domingos de Oliveira que forma governo a 21 de Janeiro de 1930. Salazar continuava como ministro das Finanças.

16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)  
Segunda-feira [10-2-30]

Meu presado Amigo.

Recebidas as suas duas cartas consecutivas. M.to obrigado. Recambio por êste correio as provas.

Não se incomode mais com os meus pedidos. Arranjei há dois dias umas lições de matemática que me permitirão viver por uns dois meses. Em todo caso, escrevi sobre a colecção feminina ao Hernani Cidade, a ver se êle acha no Porto um editor (que *não o Lelo*) O o qual queira realizar a idea. E muitos agradecimentos pelas tentativas que fez ai, com a Atlantida e com os Lelos.

Vejo que adoptou o título *Filósofos e moralistas*. Como me diz que anda em discussão com o editor do Russell, não sei se valerá a pena continuar a traduzir êste, antes de me comunicar que chegou a acordo com o homem. Que lhe parece? Passo ao Ravaisson? Já se entendeu com o Alcan? (2) Aguardo um postal com as suas ordens a êste respeito. Já há alguns dias que outras tarefas me obrigaram a suspender o Russell, do qual só tenho traduzidos os quatro primeiros capitulos.

Rogo-lhe que me diga com *tôda a franqueza* se acha má a minha idea de acrescentar à tradução do Russell umas notazinhas breves da minha lavra. Creia que se preferir que não haja anotações nenhuma me não causará com isso o menor desprazer. Anotado ou não anotado, farei o trabalho com igual gosto.

O que me diz da falange de moços é tudo quanto há de mais consolador. O necessário é que êles se unam e se *organizem* para intervirm concertadamente na vida pública. Peço que lhes diga isto.

Mais uma vez, mil agradecimentos por tudo.

Um bom abraço do

A. S.

C<sup>1</sup>) Casa Editora iniciada no Porto por compra da Livraria Ernesto Chardron.

(2) Casa Editora francesa fundada por Félix Alcan (1841-1925).

16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)  
[28-2-30]

Meu querido amigo. Devolvo as provas. Deram-me grande prazer as folhas impressas, pois vejo que fica uma formosa edição, e que a sua série dos *Filósofos e moralistas* ficará tipograficamente gentil. Não recebi a carta que me anunciou, com a coisa que me deixaria estupefacto. Terá desistido de a escrever? Ficaria encalhada em alguma sirte. Aumentaram últimamente, ao que parece, os perigos para a navegação postal 0). Gostaria de que me anunciasse o recebimento desta.

Quanto aos livros a traduzir, o que mais importa é saber os que lhe conveem para a colecção. Se é do seu plano incluir as *Meditações metafísicas* (2) e os *Novos Ensaios* (3), traduzi-los-hei ainda que seja fraca a quantia a receber. O conto de reis pelas *Últimas Conversações* é de um mecenismo magnificante: nunca esperei tanto. Tenha cautela e não se alargue mais do que seria prudente! ;Que me diz à *Introdução à vida do espírito*, do Brunschvicg? (4) Como iniciação filosófica parece-me bom. O tamanho regula pelo do Russell. O Alcan, como todos os editores, tentará arrancar o mais que puder. Do autor estou certo que teríamos a melhor boa vontade, e que faria tudo quanto o contrato com o editor lhe permitisse. Quanto ao Ravaisson, não sei quais são as suas relações com o Baruzi (\*) as minhas são excelentes. Mas suponho que um livro de iniciação, como o do Brunschvicg, será melhor para os comêços da série. Uma obra que seria interessante, mas que daria trabalho, seria uma selecção de todos os trechos do Montaigne que dizem respeito à cultura do espírito. Além das páginas sobre a educação e do capítulo sobre *VArt de conférer* (6), incluiria muitos trechos tomados aqui e além. Admiro-me que nunca ninguém (que eu saiba) tivesse tido a idea de organizar tal obra. Para execução imediata não me conviria, porque exigiria a releitura total dos *Ensaios*; mas talvez seja cousa para tentar mais tarde: ;que lhe parece? E uma parte da *Introdução à medicina experimental*? C) E uma selecção de *Ensaios* de vários ensaístas ingleses, não esquecendo entre êles alguns autores mais propriamente filosóficos, como Stuart Mill (8), de que alguns ensaios são tão interessantes? E o Ruskin? (?) E o Carlyle? (10) Para êstes não haveria direitos a pagar, e poderia fazer-se o livro do tamanho que se quisesse, editando segundo e terceiro tomo, se o primeiro tivesse êxito.

Gostaria de que fizesse o favor de enviar uns três ou mais exemplares das *Últimas Conversações* ao Luis Prat, a quem devemos a autorização para traduzir. Endereço: Route Nationale, 11, *Pr ades*, Pyrénées Orientales. Com os seus e os meus melhores agradecimentos. Um exemplar ao Xavier Léon, 39, rue des Mathurins, Paris, também com os nossos agradecimentos, pela intervenção que teve no caso. Ao Aquilino (ia), Villa Amestegia, Beyris, Bayonne; ao Bataillon (12), 47, avenue Eugène Etienne, Alger; ao Constantino dos Santos (13), rua do Salitre, 55, 3.º Esq., Lisboa; ao Sebastião da Costa (14), r. Castilho, 14, Faro; ao Hernani Cidade, Bonfim, 480, Porto; ao Silva Gayo (15), r. Sá da Bandeira, 89 A, Coimbra; ao Le Gentil (16), 7 bis, rue de Poliveau, Paris, 5.º; ao Phileás Lebesgue (17), La Neuville Vault, par *Savignies* (Oise); ao Nemésio, r. Borges Carneiro, 38, 3.º Esq.; a S. E. Francesco Nitli (18), ancien Président du Conseil d'Italie, 15, rue Duquay-Trouin, Paris (o Nitli é protestante, e lê o português); ao Valery-Larbaud (19), 71, rue Cardinal-Lemoine, Paris, 5.º; e uma meia-dúzia de exemplares para mim, para dar aos amigos companheiros de exílio.

Auxiliariam as Faculdades de Medicina a difusão da *Introdução à medicina experimental*?

Vejo que lhe não agrada a idea de se acrescentarem no fim dos volumes quaisquer anotações. Reconheço que o precedente pode trazer seus perigos, e acho igualmente fundados os dois arbítrios: anotar, o não anotar.

O excelente Hernani Cidade creio que nada me poderá conseguir dos editores do Porto. Agora, meti-me a dar lições, a 25 francos à hora. Já tenho um discípulo de matemática, e outro em negociações. Mas o trabalho de escrever é para mim mais sedutor, entre outras razões porque é mais recolhido, menos movimentado, mais in-

timo. Eu sou um rato de biblioteca que todo tempo tem sido obrigado a uma vida activa de aventureiro. A meu respeito, Deus pôs uma coisa, e dispôs outra. Uma experiência como qualquer outra. Mil agradecimentos do seu m.to grato amigo e admirador

A. S.

0 Referência à actuação da censura.

0 A obra de Descartes *Meditaciones de prima philosophia, ubi de Dei existentia et animae immortalitate; his adjunctae sunt variae objectiones doctorum virorum in istas de Deo et anima demonstrationes cum responsionibus auctoris*, saiu em 1642. A tradução francesa das *Meditaciones*, feita pelo Conde de Luynes, e as *Objectiones*, feita por Clercier, apareceram em 1647. A tradução portuguesa de António Sérgio saiu na Imprensa da Universidade, em 1930.

0 Leibniz (1646-1716). Filósofo e matemático alemão, crítico do mecanicismo e defensor de uma concepção pampsiquista do universo. Os seus *Nouveaux Essais sur l'entendement humain*, terminados entre 1704 e 1706, só foram publicados em 1765. A tradução portuguesa de Sérgio veio a lume na Imprensa da Universidade, em 1931.

0 León Brunschvicg (1869-1944), *Introduction à la vie de l'esprit*, Paris, Alcan, 1900. Esta tradução nunca chegou a concretizar-se.

0 J. Baruzi. Professor de filosofia e doutor em Letras. Publicou vários trabalhos sobre Leibniz, Lutero, a experiência mística. Em 1927, introduziu e anotou igualmente a reedição da obra de Ravaisson, *De l'habitude*. Este facto leva-nos a crer que seria este texto que António Sérgio pensava traduzir para português.

0 *Vart de conférer* é uma parte da grande obra de Montaigne (1533-1592), *Essais*, escrita entre 1571 e 72.

0 Claude Bernard (1815-1878). Fisiologista francês e autor da célebre *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale* (1865).

0 John Stuart Mill (1806-1873). Filósofo empirista inglês.

0 John Ruskin (1819-1900). Crítico de arte, sociólogo e escritor inglês.

0 Thomas Carlyle (1795-1881). Historiador e crítico inglês.

0 Aquilino Ribeiro (1885-1963). Escritor e co-fundador da *Seara Nova* então exilado em França..

0 Marcel Bataillon (1895-1977). Lusófilo, leitor de língua francesa na Faculdade de Letras de Lisboa de 1923 a 1926

0 Constantino dos Santos. Foi senador republicano e cônsul de Portugal em Bombaim. Colaborou na *Seara Nova* a partir de 1928 e traduziu para inglês a obra de António Sérgio, *Bosquejo da História de Portugal*, com o título *A sketch of the History of Portugal*, 1929.

0 Sebastião José de Costa (1883-1966). Capitão-tenente da armada e colaborador da *Seara Nova*. Esteve ligado à revolta de Fevereiro de 1927.

0 Manuel da Silva Gaio (1861-1934). Poeta e crítico simbolista.

0 Georges Le Gentil. Lusófilo francês autor de *La Littérature portugaise 1935*, e de estudos sobre Almeida Garrett, Camões, Fernão Mendes Pinto, Oliveira Martins.

0 Phileàs Lebesgue (1869-1958). Escritor francês. Durante trinta anos colaborou regularmente no *Mercur de France*, onde escreveu sobre literatura neo-grega, jugoslava, portuguesa e brasileira.

0 Francisco Severio Nitli (1868-1953). Antigo presidente do Conselho de Itália. Professor de economia na Universidade de Nápoles. Estava exilado em Paris.

0 Valéry-Larbaud (1881-1957). Escritor francês.

16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)  
2 de Março [1930]

Querido Amigo. Muito obrigado pela sua carta, de que mandei cópia ao Presado. É pelo elucidativo documento. Os jornais de aqui deram notícia de protestos apresentados ao governo português pela Alemanha e pelos Estados Unidos, a propósito de uma escandalosa concessão feita por *trinta* anos, a uma companhia francesa de aviação para monopólio comercial em terras portuguesas. Suponho que se tratará da Guome-Rhône, mascarada de portuguesa sob o nome de SAPEC (Sociedade Aeronáutica Portuguesa de Exploração Comercial). Disseram-me que o *Berliner Tageblatt* (C) traz sobre o caso um artigo violento. Vou ver se consigo lê-lo. Convirá não deixar que o govêrno atabafe ai a questão com a censura e os outros meios de que usa.

Em Espanha o movimento republicano é sério. A estudantada, após o discurso do Sánchez Guerra (2), percorreu Madrid aos gritos de *Viva a República* e *Abaixo o rei*. O arenga do homem causou pavor no rei e no Berenguer (3), que decidiram tomar uma atitude de tesura, proibir todos os discursos, protelar as eleições, não deixar passar notícia alguma telegráfica para o estrangeiro, salvo as do próprio govêrno. São isto actos que denunciam a gravidade do momento. Sánchez Guerra, com efeito, pediu a exigência de responsabilidades a *todos*, desde o ínfimo *ao mais alto* degrau da escada. A ditadura em Espanha, era talvez o único caminho para a República; em Portugal, a única via para a regeneração democrática. Deus escreve direito por linhas tortas, e dou, por isso, por bonissimamente empregadas as asperezas do meu exílio. Assim haja, entre nós, uma mocidade bem resolvida a deitar mãos à obra!

Propus-lhe na minha última carta várias obras para a sua colecção de *Filósofos e Moralistas*. Fale com toda a franqueza. Se está resolvido a incluir as *Meditações* do Descartes e os *Ensaíos* do Leibniz, eu os traduzirei, ainda que com pouca vantagem material. Estou curioso de saber a sua opinião sobre a *Introdução à vida do espírito*. Convirá? Não convirá?

Seu

A. S. (\*)

(\*) *Berliner Tageblatt* periódico de Berlim fundado em 1872 e desaparecido em 1945.

(2) José Sanchez Guerra (1859-1935). Jornalista e político monárquico-liberal. A princípio acomodado à ditadura de Rivera, contudo, participou na revolta de Valência em 1929. Fracassada esta, foi preso e pouco depois solto, seguindo desde então um caminho mais liberal. Testemunha essa mudança o célebre discurso pronunciado na Zarzuela em 1930, a que Sérgio se refere.

(3) Dámaso Berenguer Fuste (1873-1953). Militar e político espanhol. Chefe da casa militar do rei. Foi nomeado primeiro ministro quando se deu a demissão de Primo de Rivera, em Janeiro de 1930.

13 de Março [1930]

Querido Amigo: Tem a certeza de que as *Anotações* não foram com o resto do original? Tem a certeza de que não leu, por exemplo, a única anotação da minha lavra, a que justificava o novo termo *percepção*? Rogo-lhe que faça procurar bem. Se as não encontrarem, terei de traduzir novamente. Estou seguro de que as fiz, e iria jurar que as enviei. Peço resposta em postal na volta do correio, a dizer se as encontraram ou não. Vou iniciar as *Meditações*.

Amigo e admirador gratíssimo

S.

20

Querido Amigo. Recebido agora o seu postal de 19. Recambiei todas as provas; oxalá se não tenham perdido nenhuma. Comecei ontem a tradução das *Meditações*. Parece-me que seria muito interessante dar em apêndice uns trechos da *Crítica da razão pura* O que corrigem o nosso Descartes, sobretudo no que respeita ao *Eu* do *Cogito* e às provas da existência de Deus. Não acha?

Seu gratíssimo

22-3-30

A. S.

P. S. ;Conviria acaso, para apressar a composição, remeter o original das *Medit.* logo que tivesse, por ex., metade? Creio inútil traduzir a carta preliminar a Messieurs Les Doyens et Docteurs de la Faculté de Théologie de Paris. Que decide?

0) Obra capital de Kant (1724-1804), publicada em 1781, com uma 2.<sup>a</sup> edição revista em 1787.

21

16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)

[2-4-30]

Querido Amigo. Vou pois pôr em romance a untuosa Epístola, a qual, qualquer que fosse o cheiro de santidade do nosso homem (o que me abstenho de esmiuçar) me parece uma grandíssima gajice do Papá Descartes. Aqueles salamaleques fazem-me rir, e sinto-me numa farça de Molière 0). Malevolência minha, sem dúvida alguma: mas «cada um é como Deus o fêz, e ainda pior muitas vezes», como já dizia o bom Sancho. Comprarei uma pena de pato, que de outra for-

ma não sei dirigir-me Sapientissimis clarissimisque viris Sacrae Facultatis Theologiae Parisiensis Decano & Doctoribus.

Tenho-me esquecido de lhe enviar, em todas as minhas cartas, os cumprimentos do dr. Filipe Mendes <sup>(2)</sup>, seu condiscipulo em Coimbra, o qual com muito empenho me tem recomendado êsse caso. Seria favor fazer referência a isto, para eu lhe mostrar. Ele fala de si como toda a gente, isto é, com a maior estima, e até carinho.

Tenho êstes dois ou três dias muito tomados, de maneira que só lá para o fim da semana lhe poderei remeter a *Epístola*, o *Prefácio* e as três primeiras *meditações*. Parece-me que a *Epístola* deveria ir em itálico, e não sei se em tipo menor. Que lhe parece? Lá para meiado do mês deverão ir as restantes *Meditações*. Depois começarei a traduzir o Leibniz. Creio que me disse que queria o *Avant-propos* e o primeiro livro.

Aqui estamos muito curiosos do caso de Angola, cujo verdadeiro alcance e significação ignoramos <sup>(3)</sup>. E as suas conferências democráticas?

Rogo me diga se acha preferível não dar em apêndice às meditações os trechos do Kant sobre a prova ontológica e sobre o *Ego*.

Como põe nas *Conversações* o retrato do Renouvier, não quereria pôr no *Discurso do método* e nas *Meditações* o tão belo Descartes de Franz Hals? <sup>(4)</sup> Poder-lhe-ia arranjar aqui uma boa gravura

Seu

A. S.

P. S. Não lhe parece essencial explicar o significado dos termos *formal*, *objectivo*, e *eminente*, que o Descartes emprega na acepção escolástica?

0 Jean-Baptiste Poquelin, dit, Molière (1622-1673). Autor cómico francês.

0 Filipe da Silva Mendes, advogado, governador civil de Lisboa, de 1924 a 1926. Exilado em Paris depois de 1927, desempenhou os cargos de secretário da *Liga de Defesa da República* e, a partir de Março de 1928, secretariou igualmente as várias reuniões das facções republicanas que, sob a presidência de Bernardino Machado, tentaram unificar a oposição à ditadura militar.

0 Sérgio faz eco da revolta de alguns elementos da guarnição militar de Luanda, que, aproveitando a ausência do Alto Comissário, se sublevaram. Na sequência destes acontecimentos, foi morto o tenente Moraes Sarmento, chefe interino do gabinete do Comissariado. No entanto, passados poucos dias a situação foi normalizada. Cf. *O Primeiro de Janeiro*, n.º 66, LXII ano, 2I-III-1930, p. 3, col. 4.

<sup>(4)</sup> Franz Hals (1580-1666). Pintor holandês.

Querido Amigo

Tenho o gosto de lhe apresentar o portador desta, o meu jovem amigo Gonçalo de Reperaz Junior O. Este meu amigo é português,

António Sérgio

tem vivido em Espanha, e é um sério cultor das sciencias geográficas. Vai agora fazer uma excursão a Portugal. Peço para êle a gentileza do seu acolhimento, pelo que lhe ficaria muito grato.

Seu amigo e admirador m.<sup>to</sup> grato e dedicado

A. Sérgio

0) Gonçalo de Reperaz Junior. Colaborador da *Seara Nova*, onde publicou vários artigos dedicados a temas geográficos. Entre outros, escreveu os seguintes estudos «*Mestre Jacome de Malhorca*» *Cartógrafo do Infante. Contribuição para o estudo da origem da cartografia portuguesa*. Separata da revista «*Biblos*», vol. 6, 1930; *Os portugueses no Perú nos séculos XVI e XVII*, Lisboa, Sociedade de Geografia, 1967; *Os portugueses no vice-reinado do Perú (séculos XVI e XVII)*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1976.

23

P. S. Seria favor  
enviar também um exemplar  
das *Últimas conversações*  
ao presidente Teixeira Gomes O,  
Poste Restante, *Tunis*

16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)  
8-4-30

Querido Amigo

Muitíssimo obrigado pela carta oficial da Imprensa da Universidade, que hoje recebi. Não sei se devo acusar a recepção também em carta oficial, dirigida à Administração da Imprensa. E mil agradecimentos pelo generoso da paga.

Já remeti mais de metade da tradução das *Meditações*. Servi-me bastante da lição latina, e procurei dar ao texto português mais ar, clareza e elegância que ao francês, e sobretudo, melhor ritmo, melhor musicalidade. Creio indispensável pelo menos uma nota de vocabulário, por causa das palavras que o Descartes emprega na sua acepção escolástica, bastante diferente da que tem hoje. Suponho que a coleção se destina sobretudo aos estudantes de filosofia, e que tem o carácter de iniciação. O meu Amigo decidirá, e mandará.

Acabadas as meditações — cousa de mais uns oito ou dez dias, — passarei ao Leibniz, se não ordenar o contrário. Rogo me diga se sempre valerá a pena pensar naquela selecção do Montaigne, de que em tempos falei: apanhado dos trechos dos *Ensaio*s relativos à educação do espirito, à hygiene intelectual.

Diz-me que tem estado doente. Espero que seja cousa breve. Vi ontem seu cunhado. Sua cunhada foi examinada por um Esculápio, o qual concluiu que ela nada tinha de gravidade. O pobre Cortesão é que tem andado com impaludismo e um forte ataque de reumático.

Corre que vai sair uma amnistia, — não sei se em termos aceitáveis.

Do Peres (2) nada recebi por enquanto.

Reitero-lhe os meus agradecimentos e peço-lhe que me creia  
Amigo e ad.<sup>or</sup> m.<sup>to</sup> dedicado e grato

A. S.

*Cartas do exílio de António Sérgio*

P. S. Um jovem «seareiro» que tem vivido em Espanha, Gonçalo de Reperaz Junior, vai agora a Coimbra. Dei-lhe uma carta para si. É bom moço, e sério investigador de matérias geográficas.  
Saudades do Felipe Mendes

0) Manuel Gomes Teixeira (1860-1941). Escritor, diplomata e Presidente da República de 1923 a 1925.

0 Presumivelmente, trata-se de Damião Peres. Historiador, então a dirigir a edição da *Historia de Portugal*, Barcelos, 1928-1937, obra em que Joaquim de Carvalho colaborava.

24

16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)  
22-4-30

Querido Amigo. Temo que a falta de notícias suas se origine na continuação daquela indisposição de que me falava na última carta. Ignoro se recebeu as três primeiras *Meditações*.

Seu

A. S.

25

16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)  
29-4-30

Querido Amigo

Remeto por êste correio, registrado, o resto das *Meditações*. Oxalá a primeira remessa se não tenha perdido!

Faço várias conjecturas sobre a causa possível do seu silêncio. Continuação da doença? Não me parece, porque o Le Gentil anuncia-me a sua vinda próxima a Paris, o que faz supor que está em contacto com sigo, e nada me diz de enfermidades. Espera que me possa mandar provas? Talvez. Se o que o faz adiar é a dificuldade de arranjar dinheiro para a Comissão de Assistência, pena foi que tal sucedesse: *peço-lhe que se não rale mais com isso*, que cá iremos resolvendo o problema por outros caminhos.

Nesta 2.<sup>a</sup> quinzena de Abril tive outros vários trabalhos urgentes, e por isso se atrasaram as *Meditações*. Os *Novos Ensaio*s terão talvez de prosseguir mais lentos ainda. Veremos.

Segundo me diz o Le Gentil, o meu Amigo estará aqui por volta de 25, passará em Paris uma semana, e fará duas conferências na Sorbona, uma das quais sobre *Os humanistas portugueses e a França* e outra sobre *Antero de Quental*. Boa nova!

António Sérgio

O Luís Prat tem-me escrito, gentilissimamente. Diz que seguiu muito de perto a Tradução. O meu Amigo escreveu-lhe quando lhe mandou os livros?

Seria favor acusar num postal o recebimento das *Meditações*  
Seu

A. S.

26

16, rue Louis-Blanc  
Lev allois-P erret (Seine)  
13-7-30

Querido e presado Amigo

Mil agradecimentos pela sua carta. Estimei imensamente que lhe não tivesse desagradado a tradução das *Meditações*. Já saiu mais algum outro volume da série *Filósofos e moralistas*?

O meu paradeiro em Agosto e segunda quinzena de Setembro será muitíssimo provavelmente aqui em Levallois-Perret. Espero com alvoroço o prazer da sua chegada. Madame Claparède, mulher de Eduardo Claparède, que é muito amiga minha e de minha mulher e que está agora em Paris, disse-nos ontem que iria ao Congresso de Oxford. Aproveitei logo o ensejo para lhe falar da sua esposa e lhe pedir que estabelecesse contacto com sig. Estimaré de-certo o facto, porque ela é pessoa encantadoríssima. De mais, em perfeita concordância política connosco.

Recambio o recibo, com mil agradecimentos. O trabalho, que me falhou durante uns tempos, está ocorrendo agora em quantidade suficiente para o pão-nosso-de-cada-dia. Adaptei uma fita cinematográfica falante, faina bem paga, e vou traduzir agora do francês um romance de Tolstoi O para um editor do Brasil. Até fim de Agosto, com isto e um ou outro artigo de revista que apareça, devo ter a subsistência mais ou menos assegurada. Depois veremos.

Oxalá com efeito a gente nova possa mudar a fisionomia de Coimbra dentro de uns 4 anos. Suponho que o integralismo, entre a Academia, está estrebuchante.

Consola-me a idea de que a minha tradução das *Meditações* poderá servir para as suas prelecções cartesianas aos rapazes. Há mais algum Descartes (as *Regras C*), por ex.?) que lhe conviesse que eu traduzisse? Creio que do *Discurso* se encarregou já o meu Amigo <sup>(3)</sup>. Até, pois, ao fim de Agosto. Um abraço muito agradecido do seu amigo e admirador

A. S.

■(\* \*) Conde Léon Tolstoi (1828-1910). Romancista russo. Trata-se da obra de Tolstoi, *Kadji Murat, O Diabo Branco* (Tradução indirecta c/ prefácio), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.

(?) Descartes, *Regulae ad directionem ingenii*. Apareceram na sua versão original em latim em 1701.

(\*) Ao que sabemos, esta tradução nunca chegou a ser editada.

Recebi aqui umas provas de  
*Ensaio político* do Spencer 0).  
Creio que vieram por engano.  
Em todo o caso, aguardo instruções

16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)  
22-7-30

Querido Amigo

Incluso o recibo, com mil agradecimentos. Recebi agora um postal do Silvio de Lima, comunicando-me a sua chegada a Paris e perguntando-me como se vem até minha casa. Respondi-lhe que vivo perto da Porte Champerret, sitio fácil de atingir. Oxalá ele, Silvio de Lima, me diga cousas interessantes de Portugal. O Reperaz já deve ter chegado. Os dois periodicos de aqui publicam noticias das prisões e deportações para os Açores (2). O Jaime Cortesão mora agora no mesmo prédio que eu. O Proença (3) seguiu para a Saboia, meia altitude e clima sêco, por conselho dos Esculápios. Eu adapto fitas de cinema falado, traduzo Tolstoi (do francês) para um editor de São Paulo, e redigo reclames de produtos farmacêuticos. Rabisquei uma tragédia, com assunto na aparência antigo e na realidade modernissimo (4). Os amigos, que a quiseram ouvir 1er, insistiram por que a fizesse publicar já. Escrevi nesse sentido à *Seara* e à *Renascença* C). Espero a resposta. Dará um volumezito de umas 120 páginas, e há quem se ofereça para arranjar dinheiro para a edição. Peço segredo sobre este caso.

Cá o fico esperando na ida ou vinda do Congresso de Oxford, ou de ambas as vezes. De 1 a 2 de Setembro terei provavelmente de ir à Belgica, ao congresso da Acção Internacional Democrática para a Paz, de que me fizeram vice-presidente. Creio que não será nessa semana que o meu amigo passará por Paris.

Seu

A. S.

P. S. Na sua carta oficial pede-me que devolva o recibo; mas não veio com ela recibo algum. Vai êsse sem sêlo, porque não tenho sêlos portugueses. Creio que terá de ser provisório.

0) Herbert Spencer (1820-1903). Filósofo e sociólogo inglês.

(2) Devido a um dos muitos movimentos conspirativos de então, são presos e deportados para os Açores, entre outros: João Soares, Moura Pinto, Tavares de Carvalho, Carneiro Franco, Raúl Madeira, a que se seguiram Sá Cardoso, Hélder Ribeiro, Augusto Casimiro, Rego Chaves, Ribeiro de Carvalho, Maia Pinto, Correia de Matos, Pinto Garcia, Carlos Vilhena.

(3) Raul Sangreman Proença (1884-1942). Jornalista, pensador e polemista, foi um dos fundadores da *Seara Nova* em 1921. Devido ao fracasso da revolta de Fevereiro de 1927, exi'ou-se em Paris, onde permaneceu até 1931. Pela carta se verifica o seu débil estado de saúde, situação que paulatinamente o levará à loucura.

(4) Trata-se da peça *Antígona. Drama em três actos*.

(5) No entanto, a obra foi editada no Porto, Edição da República, 1930.

**LES STUDIOS PARAMOUNT**

Société anonyme  
Au capital de 10.000.000 de Frs

—  
SIÈGE SOCIAL

7, Rue des Réservoirs St. Maurice (Seine)  
Adr. Télégr. Studpara - St. Maurice - Seine

TÉLÉPHONE

Studios — Gravelle 09-48 - 09-49  
Paris — Opéra 03-70

R. c. Seine 243.708.B

**BUREAU DES STUDIOS**  
7, Rue des Réservoirs

Maurice (Seine)

29 de Novembro, 1930

**Querido e presado Amigo**

Creio que lhe acusei em tempo o recebimento da biografia do Espinosa O. Recambiei há dias as provas da última dose das *Meditações* do papá Descartes, a que acrescentei uma pequenina nota final, acêrca de certos pormenores de vocabulário. Gostava de ainda um dia combinar consigo a fixação de um certo número de termos. Para nós, Portugueses, é trabalho particularmente útil, porque estamos no nascimento da nossa literatura filosófica em lingua vulgar, ou romance. Espero que concordará com a nota; se, porém, discorda de qualquer cousa, tenha a franqueza de mo dizer, porque ainda posso emendar nas provas. Aliás, é cousa pequenissima e sem importância.

Recebo boas noticias acerca do andamento dos negócios do nosso amigo Liberato (?); ignoro se lhe tem escrito, e que pensa o meu Amigo sobre o assunto.

Sabe indicar-me um meio fácil de eu ler agora o frei Agostinho da Cruz? (3)

Já saiu alguma das obras da coleção *Filósofos e Moralistas*? E o seu Espinosa? Tem podido trabalhar nele? E o «Discurso do Método»? O Sebastião da Costa tem-me escrito do Funchal. Como vai a sua última pequena?

Saudades do Proença e do Jaime.

Um grande abraço do seu muito grato e admirador

A. S.

C1) Baruch Espinosa (1632-1677). Judeu holandês de origem portuguesa. Filósofo. Sérgio refere-se à recepção da obra de Joaquim de Carvalho, *Sobre o lugar dos antepassados de Baruch Espinosa*, Coimbra, 1930.

(?) Trata-se de Liberato de Carvalho(?), segundo primo de Joaquim de Carvalho e afilhado de António Sérgio.

0 Frei Agostinho da Cruz, pseudónimo de Agostinho Pimenta (1514-1619). Em 1771, José Caetano Mesquita reuniu *Várias poesias do Venerável Padre Fr. Agostinho da Cruz*; em 1918, Mendes dos Remédios acrescentou alguns elementos a essa colectânea sob o título de *Obras de Frei Agostinho da Cruz*.

1.º de Dezembro, 1930

Querido Amigo

Deu-me muito prazer a leitura das palavras que escreveu nas provas das *Meditações*. Quanto à minha nota, concluo pela conveniência de acrescentar algumas linhas que esclareçam o meu intuito, o qual não foi ali o de pôr em dúvida a sinceridade do catolicismo do Descartes (se bem que também tenha razões para não acreditar nela) mas a sinceridade da atitude que êle tomou perante os teólogos da Sorbona na carta liminar, pretendendo arrancar-lhes uma aprovação que ele sabia imerecidíssima. Tenho pois duas teses:

1. <sup>a</sup> O papá Descartes pretendia intrujar os teólogos na carta liminar, arrancando-lhes uma aprovação na esperança de que êles não vissem quanto as doutrinas das *Meditações* eram contrárias às doutrinas que os ditos teólogos seguiam, e que defendiam a ferro e fogo: e foi a única cousa que eu quis significar na minha nota;

2. <sup>a</sup> Creio haver factos que nos levam a duvidar do Catolicismo do papá Descartes. Mas isto não quis eu significar na minha nota.

*Razões da 1.ª tese:* Como sabe melhor do que eu, na carta de 28 de Janeiro de 1641, o papá Descartes declara: «Mais je pense y avoir mis beaucoup d'autres choses (nas *Meditações*): et je vous dirai entre nous que ces six méditations contiennent tous les fondements de ma physique. Mais il ne faut pas le dire, s'il vous plait; car ceux qui favorisent Aristote feraient peut-être plus de difficulté de les approuver: et j'espère que ceux qui les liront s'accoutumeront insensiblement à mes principes et en reconnaîtront la vérité avant de s'apercevoir qu'ils détruisent ceux d'Aristote» C).

Esta carta parece-me decisiva. Intimamente, papá Descartes riase dos teólogos, e queria arrancar-lhes subrepticamente a aprovação de um livro onde êle havia posto, de maneira sonsa, principios filosóficos da maior heresia para os teólogos da Sorbona. Creio que cumpre ler as *Meditações* como um livro onde há muita cousa que foi dita à-demi e onde Descartes introduziu de passagem certos principios que ficam no ar, por assim dizer, e de que, por mêdo, êle não apresenta as conclusões. Bossuet (2) escreveu: «M. Descartes a toujours criant d'être noté par l'Église; et on lui voit prendre sur cela des précautions dont quelques-unes allaient jusqu'à l'excès». Eis uma frase que me parece deveria figurar na primeira página de todas as obras de Descartes, como um aviso ao leitor. «Este livro foi escrito a mêdo; está cheio de reticências, de imperfeições propositadas, de véus: cumpre lê-lo como tal». O que Descartes pensava dos teólogos podemos avaliá-lo pela frase em que afirmou que até nas matérias metafísicas «je me fie plus en lui seul *no matemático* Des Argues (3) qu'en trois théologiens» (4). No prefácio dos *Principios de Filosofia* (5) lemos que «on ne saurait mieux prouver la fausseté des principes d'Aristote qu'en disant qu'on n'a su faire aucun progrès par leur moyen depuis plusieurs siècles qu'on les a suivis» (6). Ao mesmo tempo, porém, procura convencer o jesuíta Charlet (7) de que êle, Descartes, jamais saiu «d'aucun principe que n'ait été reçu par Aristote» (8) (cartas de Out. 1644 e de 9 Fev. 1645). Ao P. Mersenne (9) confessa a idea de não pôr o nome no *Discurso* «afin d'avoir toujours la liberté de le désavouer» (10) (8 Out. 1629; 15 Abril 1630).

Dêstes, e de outros factos, creio poder concluir que Descartes, quando falava em teólogos, procurava sobretudo intrujá-los.

Ocorre-me ainda: em 1641, o papá Descartes escreve ao P. Mersenne <sup>(1)</sup> que não faz imprimir na Holanda as *Meditações* porque não queria que os ministros protestantes holandeses as vissem antes dos doutores da Sorbona. Ora, já êle então comunicara o livro a dois professores protestantes, Aemilius <sup>(12)</sup> e Regius <sup>(13)</sup>, assim como a Const. Huyghens <sup>(14)</sup>.

2.º ponto. O *catolicismo do papá Descartes*. Não li o livro do Gouhier <sup>(15)</sup>, nunca o vi, nem sei que método adoptou. Se foi o da análise dos *textos*, começarei por declarar que, neste caso, o acho contestável, porque exactamente o que se discute é a sinceridade desses textos. Por isso, apego-me aos *factos*. Concebe o meu amigo que um verdadeiro católico faça baptizar um filho na igreja protestante? Ora, como sabe, a filha do papá Descartes foi baptizada na igreja protestante de Deventer <sup>(16)</sup>. Além disso, havia na igreja dois registos: um para as crianças ilegítimas, outro para os filhos legítimos. Ora, a filha do Descartes figura no registro das crianças legítimas. Devemos concluir que era legítima, e que papá Descartes casara secretamente com a mãe da pequena? Mas a mãe da pequena era *protestante*... No momento em que a pequena foi concebida, Descartes habitava em Amsterdão, em casa de um *protestante*, Thomás Sergeant. Os seus melhores amigos na Holanda são protestantes: Huyghens, Pollot <sup>(17)</sup>, Regius, Aemilius, Beeckman <sup>(18)</sup>, Reneri <sup>(19)</sup>. O amigo Picot <sup>(20)</sup> era ateu, assim como Barreaux <sup>(21)</sup>. O *Discurso* foi traduzido em latim por um pastor *protestante*, refugiado na Holanda, Etienne de Coureelles <sup>(22)</sup>, a *Geometria* <sup>(23)</sup>, por Franz Schooten <sup>(24)</sup>, professor na Universidade *protestante* de Leyde. O texto latino das *Meditações* foi revisto por latinistas *protestantes* antes de ser submetido aos teólogos católicos de Paris. O *Tratado das paixões* <sup>(25)</sup> foi traduzido por um *protestante* <sup>(26)</sup>. Os seus dois principais discipulos são protestantes. Protestante, filho de um refugiado Hugenoite francês, era o criado Gillot <sup>(27)</sup>, de que papá Descartes fêz um professor de matemática. Ao sair da França, o nosso filósofo não vai para a Flandres católica, onde tinha uma célebre universidade, mas para os Países Baixos reformados. O padre Valois, da Companhia de Jesus, estava talvez na razão quando publicou *Les sentiments de Descartes opposés à ceux de VEglise et conformes à ceux de Calvin* <sup>(28)</sup>.

Conheço o grande cavalo de batalha dos católicos que querem hoje chamar a si o nosso homem: o voto da peregrinação a Nossa Senhora do Loreto. *¿Mas que é que nos diz que esse voto foi cumprido?* O que eu sei é que num passo do *Discurso* («et particulièrement», etc.) os votos são aproximados da inconstância e da fraqueza do espírito. Este passo foi atacado pelos bons católicos. Descartes defendeu-se como pôde: *mas não apresentou o argumento decisivo, que seria o da sua própria peregrinação em virtude de um voto*. Porquê? Naturalmente, porque o voto não foi cumprido. Creio, em suma, que o católico Maurice Blondel <sup>(29)</sup> teve bons motivos para dizer: «Descartes ne retient de Dieu que ce qui lui permet de se passer de lui».

Acrescentarei sómente, para não prolongar demasiado esta carta, que me parece que papá Descartes tinha razões de sobejo para querer intrujar os teólogos. No *Traité du vide*, Pascal <sup>(30)</sup> nota que «l'on ne peut plus avancer des nouveautés sans péril» <sup>(31)</sup>. A pedido da Sorbona, o *Parlement* de Paris ordenou, a 4 de set. 1624, a laceração de 14 teses que atacavam Aristóteles <sup>(32)</sup>, acrescentando que ficava proibido «à peine de vie» o atacar os autores antigos. Sob o governo de Mazarino <sup>(33)</sup> foram queimados Claude Le Petit <sup>(34)</sup>, d'Am-

breville C<sup>3\*5</sup>), Louis Jauffred í<sup>36</sup>), Urbain Grandier (3<sup>T</sup>). Ora, a excelente máxima do papá Descartes era «que nous ne devons véritablement craindre la mort, [mais] que nous ne devons aussi jamais la chercher» (3<sup>8</sup>) (Carta à princesa Isabel (3<sup>9</sup>), 3-XI-45).

Como não quero que na sua colecção de *Filósofos e moralistas* figure qualquer frase que lhe apareça dita no ar e indigna de uma biblioteca dirigida pelo meu amigo, rogo-lhe que me diga pela volta do correio, — se possível — se, por essa pequena amostra, lhe parece que com efeito eu poderei defender decentemente o meu dito sobre a sinceridade do papá Descartes, no caso de aparecer quem mo censure. O passo duvidoso da nota poderia ficar assim, um pouquinho acrescentado:

«Essa sinceridade é, em nosso juízo, simplesmente nula. | Note-se que dizendo isto não aludimos de maneira nenhuma ao possível catolicismo de Descartes (se bem que, também nesse ponto, haja uma importante colecção de factos que levam a dúvida ao nosso espírito) mas só à atitude do filósofo perante os teólogos a quem se dirigia j. Não cabe aqui, no entanto, o dar as razões de tal parecer, etc.» (4<sup>0</sup>).

Indiquei por traços verticais o período que proponho acrescentar.

Peço-lhe que me responda com a maior franqueza. Por minha parte, julgo-me habilitado a dar razões do que escrevi. E a opinião do católico Blondel pode ser alegada para livrar à minha toda a aparência de facciosismo. Mas talvez me iluda. Fale com toda a franqueza.

Um bom abraço do seu amigo mt.º dedicado, grato e admirador

A.

(\*) Descartes, *Oeuvres... publiées par Charles Adam et Paul Tannery*, t.III, Paris, Léopold Cerf, p. 292. Os sublinhados são de Sérgio. Daqui por diante esta edição em 12 volumes (1897-1913) será indicada do seguinte modo. (A. T.).

(2) Jacques Bénigne Bossuet (1627-1704). Prelado francês, filósofo e orador. As suas reticências em relação a Descartes podem ler-se na carta a Pastel, doutor da Sorbona, datada de 24 de Março de 1701.

(3) Des Argues (1593-1662). Matemático francês.

(4) Descartes, *Ob. cit.* (A. T.), t. III, p. 262.

(6) Esta obra de Descartes apareceu em latim no ano de 1644. A sua versão francesa, feita por Picot, foi editada em 1647.

(6) Descartes, *Ob. cit.* (A. T.), t. IX, B, pp. 18-19

0 P. Étienne Charlet (1570-1652). Jurista, professor e depois reitor em LaFlèche. Foi um dos correspondentes de Descartes. Cf. Descartes, *Ob. cit.* (A. T.), t. IV, pp.139-41, 156-58.

(8) Descartes, *Ob. cit.*, (A. T.), t. IV, pp. 139-41.

(9) P. Marin Mersenne (1588-1648). Filósofo, físico e matemático francês; um dos principais correspondentes de Descartes.

(10) Descartes, *Ob. cit.* (A. T.), t. I, p. 135.

0) Cf. *Idem*, t. III, p. 262. Sérgio refere-se a uma carta escrita a 8 de Dezembro de 1640.

(12) Antoine Aemilius ou Emilius (1589-1660). Professor de história na Universidade de Utrecht a quem foi dado o manuscrito que serviu de base à primeira edição latina das *Meditações Metafísicas*.

(ia) Regius (1598-1684). Professor em Utrecht.

(i<sup>4</sup>) Constantin Huyghens (1596-1687). Secretário do príncipe de Orange e Conselheiro de Estado.

(is) Henri Gouhier (1898). Filósofo francês. A obra em causa é esta: *La pensée religieuse de Descartes*, 1924.

(16) Filha de Helena, veio ao mundo a 19 de Julho de 1635; foi baptizada com o nome Francine a 7 de Agosto em Deventer. Faleceu com 5 anos de idade.

O<sup>7</sup>) Pollot. Descartes dirigiu-lhe uma carta em Janeiro de 1641.

(18) Isaac Beeckman (1589-1637). Médico. Descartes conheceu-o em 1618 e, sob a sua influência, passou a dedicar-se aos estudos de física e geometria.

(b) Renéri (1601-1668). Professor e filósofo.

P) Abade Claude Picot (1601-1668). Tradutor dos *Princípios de Filosofia* para francês.

(21) Jacques Valée, senhor des Barreaux (1599-1673). Poeta e libertino. Procurou Descartes para o interessar no estudo dos meios para o prolongamento da vida.

(“; Etienne de Courceiles (1586-1659; A tradução foi feita em 1644.

(^) Um aos três ensaios de Descartes que acompanhavam o *Discurso do Método*. Na edição de 1044 (Coucenes;, a *Ueometria* nao foi mciuaia; surgia, contudo, na edição latina ue ôcnooten (1649).

(\*\*) Franz Senooten (1581-1646). Professor de matemática na Universidade de Leyden.

(-; *L.es tassions ae l'A.me*, de Descartes, apareceram em 1649, editadas em Amsterdam.

(\*) A tradução latina veio a lume em 1650.

(2-) Jean Uniot, o jovem (1614-1644).

(20) Louis ue Vaiois (16Jy-i/00). Jesuíta e teólogo francês. Com o pseudónimo de L. de la Vine, atacou as teses ue .uescaries, acusauo-o de detuipar o sentido da eucaristia e de lavorecer o caivtmsmo. O litu.o aa sua oura é ligeirámeme diierente da citação de Seigio: *çsentiments de M. Descartes touchant iessence et Les propriétés du corps opposes à ta u oc ir i ne de Calvin sur le sujet de l'hucnaristie. Avec une dissertation sur la prétendue possibilité des ctioses impossibles*, r'aris, Etienne rviicnallet, 1680.

(\*>) Maurice Blondel (1861-1949). Filósofo católico francês. A sua tese sobre o problema foi expenuida peia primeira vez no estuuo «Ee CiinsLanisme de Descartes», *Kevue de Meiapnysique et Morate*, IV<sup>me</sup> annee, 1896, pp. 551-67.

(<sup>ao</sup>) Pascal (1623-1662). Filósofo jansenista e matemático. Em 1651, redigiu um *Traité du vide*, uo quai so cneguo até nos um resumo em dois pequenos tratados: *De l'équilibre des liqueurs* e *De la pensanteur de la masse de l'air*, 1664.

(3i; Pascal, «Préface pour le Traité du Vide», *Opuscule 1*, Paris, Pléiade, p. 529.

(32) Aristóteles (384-322 a. C.). Filósofo grego.

(33) Jules Mazarini ou Mazarino (1602-1661). Cardeal e homem de estado francês de origem italiana.

(34) Claude Le Petit (1639-1662). Advogado e poeta francês. Denunciado por ter escrito poesias demasiado livres, foi condenado a ser queimado vivo depois de lhe terem cortado a mão. No seu *Paris ridicule*, apenas três estrofes atacavam os jesuítas.

(35) Senhor d'Ambreville. Foi queimado vivo acusado de heterodoxia.

(36) Aliás Louis Gofridi ou Gouffridy, eclesiástico francês. Nasceu em 1562 e foi queimado em Aix a 30 de Abril de 1611, acusado de libertinagem e feitiçaria.

(37) UrbainGrandier (1590-1634). Padre francês acusado de feitiçaria. Preso em 1633, foi condenado e queimado vivo em 1634.

(\*\*) Descartes, *Oeuvres* (A. T.), t. IV, pp. 330-34. Os sublinhados são de Sérgio. Entre parêntesis colocámos a palavra que falta na transcrição de Sérgio.

(39) Princesa Elisabeth do Palatino (1618-1680).

(40) No texto definitivo ficou com ligeiras alterações: «Essa sinceridade é, em nosso juízo, bem contestável. Note-se que dizendo isto não aludimos de maneira alguma ao possível cató'icismo de Descartes (se bem que, também nesse ponto, haja uma importante coleção de *factos* que nos inclinam a duvidar) mas só à atitude do nosso filósofo perante os teólogos a quem se dirigia. Não cabe aqui, no entanto, o dar as razões de um tal parecer» (A. Sérgio, «Nota do Tradutor», in Descartes, *Meditações Metafísicas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930, pp. 135-36).

Querido Amigo.

Recambio, inclusa, a prova da nota. Em lugar de dizer que a sinceridade do papá Descartes me parece *simplesmente nula*, passo a afirmar que se me afigura *bem contestável*. Fica menos dogmático, menos forte. A frase da carta de 28-1-41: «mais *il ne fa ut pas le dire, s'il vous plait*, car ceux qui favorisent Aristote feraient peut-être plus de difficulté de les approuver» C) (às *Meditações*) parece-me provar simplesmente isto: que o papá Descartes sabia que os teólogos, se lessem com atenção, não poderiam aprovar as *Meditações*, mas que êle dissera as cousas propositadamente mascaradas para que os teólogos comessem gato por lebre, e aprovassem não devendo aprovar. E no entanto... «j'espère que ceux qui les liront s'accoutumeront insensiblement à mes principes et ne reconnaîtront la vérité avant de s'apercevoir qu'ils détruisent ceux d'Aristote» (2). Não me parece que estas intrugices fiquem mal ao papá Descartes: pois, se não havia outra maneira de fazer penetrar as ideas mais ou menos heréticas! Era preciso mascarar as cousas. *Larvatus prodeo* (3). Bem sei que esta frase é do Descartes ainda moço. Nem por isso pro va menos que cedo se lhe manifestou a tendência para mascarar-se. Quem se mascara em novo, mais o fará em velho, à medida que se acumula de experiência. A frase «Deus do meu rei e da minha ama», invocada como prova do catolicismo do nosso homem, sempre a mim me deu, pelo contrário, um som de scepticismo. Não imagino um verdadeiro crente — um Pascal, por ex\_ a tratar assim o *verdadeiro* Deus. «Deus do meu rei e da minha ama» é o Deus do Poder e do Costume, aquele cuja adopção nos permitirá viver bem com o carrasco e com os vizinhos. Não, tem qualquer coisa de voltairiana; não é a expressão de um verdadeiro crente, — o que não impede, aliás, que êle fôsse um sentimental e um místico. Todos nós, sem sermos místicos e sem sermos Descartes, nem nada que se pareça, experimentámos os nossos momentos de exaltação intelectual. Lembro-me de que, quando eu tinha uns 16 anos, antes de ler quaisquer filósofos, numa carruagem de comboio, de Lisboa para Payalvo, pensando na geometria analítica e na tradução das figuras em puras relações intelectuais, tive a revelação fulgurante da tese idealista. E disse para mim mesmo: «Tudo se passa no interior do pensamento; as ideas só encontram ideas». Foram momentos de embriaguez. Que a idea da sciencia universal ocorresse ao papá Descartes num momento de grande exaltação, parece-me coisa naturalíssima. Seria o contrário que me espantaria. Que êle crê em Deus parece-me verdade. Que seja um católico muito firme, já me custa a acreditar. Que fôsse sincero ao inclinar-se respeitossimo ante os doutores da Sorbona — ná, isso já não aceito. Também eu casei na igreja do Deus da minha noiva e da minha família, por simples comodidade prática, a-pesar de já em criancinha ser absolutamente incapaz de tomar a sério a missa, os padres e o culto. O caso do baptizado protestante da pequena vem no Ch. Adam (4) e até no próprio Baillet C). Os catolicizadores do Descartes esquecem sistematicamente êsse caso, que me parece importantíssimo. Foi também pelo Ch. Adam que me fixei no facto das amizades protestantes do Descartes. A minha mulher, que é católica, perguntei se concebia que um

católico fizesse baptizar num templo protestante um filho seu. Respondeu-me redondamente que não.

Vou tratar do negócio do *Justice et Liberté!* (6).

Disseram-me que o meu afilhado e seu sobrinho Liberato foi muito recentemente vítima de um desastre — queda de bicicleta, ou cousa que o valha, — que causou apreensões à família. Peço-lhe que me diga se lhe parece que isso prejudicará os estudos do pequeno, que a avaliar peio que me diz na sua carta, iam tão bem. Sabe que tenho razões para não escrever à família ao petiz, e por isso lhe peço a si as notícias.

Eu não posso escrever por enquanto o *Exame*. Precisaria de me assegurar primeiro da plausibilidade de certas hipóteses por meio de uma cuidadosa confrontação de textos, etc.

Uns 14 empregados do comércio e indústria da Figueira da Foz resolveram constituir um centro de estudos em comunidade, e pedem-me uma bibliografia elementar de iniciação, sobretudo em questões políticas e sociais; mas impõem-me a condição de os livros serem escritos sómente em português ou em espanhol, o que me dificulta bastante o problema pois ignoro o que em Espanha se tem traduzido. Se me ajudasse nisto, far-me hia grande favor. Lembrei-me deste caso a propósito do *Justiça e liberdade*

Um grande abraço do seu m.<sup>to</sup> amigo e admirador

A. S.

P. S. em 13. Muito interessante o que me conta sobre o que se passa na sua aula. Está o meu Amigo prestando um grandíssimo serviço. Esta carta foi escrita ontem; hoje recebi o livro do S. de Lima (7). Tenho gostado muitíssimo dele.

(\* \*) Descartes, *Oeuvres*, (A. T.), t. III, p. 292.

(\*) *Idem, ibidem*.

(3) Descartes, *Oeuvres*, (A. T.), t. X, p. 213.

(4) Charles Adam (1857-1940). Filósofo francês; membro da Academia das Ciências Morais e Políticas. Sérgio refere-se à sua obra *Vie et oeuvres de Descartes*, 1910.

(5) Adrien Baillet (1649-1706). Escritor francês. Autor da obra, *Vie de Monsieur Descartes*, Paris, 1691.

(6) *Justice et Liberté*, obra de Edmond Goblot (1858-1935), publicada em 1912.

O Trata-se do estudo de Sílvio de Lima, *Notas Críticas ao livro do Sr. Cardeal Gonçalves Cerejeira <a Igreja e o Pensamento Contemporâneo>*, Coimbra, Livraria Cunha, 1930.

23-XII-30

Querido Amigo

Recambio as provas da *Nota do Tradutor*, com os meus agradecimentos pelos periódicos que me tem mandado. Creio que o caso do meu afilhadinho Liberato não tem afinal a gravidade que seu primo me disse. Não é assim? Suponho que está curado, e que já vai à escola.

Achei muito bem o livro do nosso Silvio de Lima, e soube com muito prazer que se esgotou depressa a primeira edição.

Mal tenha um ensejo, comunicarei com Brunschvicg sobre o caso da tradução do *Just, e Lib.* do Goblot.

Um abraço do seu mt.º grato e admirador

Boas festas!

A. S.

*Volte, se faz favor!*

P. S. Peço diga ao Silvio de Lima que lhe agradecerá se ele enviasse as *Notas Críticas* a:

D. Maria Luisa Teixeira, Travessa das Mercês 34, Lisboa.

Castelo Branco Chaves O, Companhia da Zambesia, R. do Alecrim, 53 Lisboa

O José Adjuto Castelo Branco Chaves (1900). Jornalista e crítico.

Le 8 Janvier [1931]

Querido e presado Amigo

Mil agradecimentos pelos recados que me mandou pelo Silvio, e pelos jornais.

Continua melhorando o meu afilhado?

Falei a M. Lisbonne, da casa Alcan.

Pede 2.000 francos pelos direitos de tradução do livro do Goblot. Pareceu-me excessivo, mas, como não tinha instruções suas, não apresentei contra-proposta.

O Silvio de Lima transmitiu-me a sua ordem de lhe remeter a lista das pessoas a quem gostaria de remeter as *Meditações metafísicas*. Segue inclusa.

Os nossos votos por um feliz ano de 1931.

Creia-me sempre

Amigo mt.º grato e admirador

A. Sérgio

*António Sérgio*

P. S. Estava escrita esta carta quando me chegou o recibo da Imprensa da Universidade, que recambio com os meus agradecimentos

Seu

A. S.

33

[20-1-31]

Querigo Amigo

Mil agradecimentos pelo cheque e pelos volumes. Recebeu a minha resposta sobre a negociação com o editor Alcan? Admirei-me do elevado da soma — 2.000 francos — depois de o meu amigo haver falado com o Globlot e Goblot com êles.

Vejo que andam por Lisboa as cousas movimentadas. Que alcance exacto poderá ter a saída do ministro da guerra? O

Nada sei do Sílvio. Estou com interêsse em receber notícias do meu afilhadito. Ignoro que tal vai ele agora nos estudos, e se não afrouxou na aplicação. Tem sido chamado à lição? Dá boa conta de si?

Um grande e agradecido abraço do seu mt.º grato amigo e admirador

A.S.

C<sup>1</sup>) Trata-se de Namorado de Aguiã, que perdeu o apoio dos elementos militares mais conservadores. Domingos de Oliveira, então primeiro ministro — Salazar ainda só ocupava a pasta das Finanças—, exonerou-o a 19 de Janeiro de 1930 e nomeou para seu lugar o coronel Schiappa de Azevedo.

34

**LES STUDIOS PARAMOUNT**

Société anonyme

Au capital de 10.000.000 de Frs

SIÈGE SOCIAL

7, Rue des Réservoirs St. Maurice (Seine)

Adr. Télégr. Studpara - St. Maurice - Seine

TÉLÉPHONE

*Studios* — Gravelle 09-48 - 09-49

*Paris* — Opéra 03-70

R. C. Seine 243.708.B

**BUREAU DES STUDIOS**  
7, Rue des Réservoirs

St. Maurice (Seine)

23 de Janeiro

Querido Amigo:

Mil agradecimentos por tudo. Inclusa uma carta oficial.

Não sei que pense do meu afilhadito. Perco a esperança de que êle acabe o liceu este ano.

Não lhe quero impingir a maçada de ler as notas ao texto do Leibniz. Se as tivesse lido antes, poderia aproveitar-me das suas sugestões. Gostaria só de saber se acha preferível com notas, ou sem elas. Franqueza absoluta. Quanto ao livro II, como é muito grande, tenho medo de não poder chegar ao fim, e perder o trabalho feito. Eu creio que no seu caso não editaria o Locke (\*), nem o S. Tomás (2). Para mim, tem havido progresso em filosofia, e o Locke e o S. Tomás parecem-me peças de museu, obsoletas. Daria Platão (3), Descartes, Espinosa, Malebranche (4), Kant, Fichte (5), Hegel, e alguns recentes. Quanto ao Platão, começaria talvez pelos sexto, sétimo e oitavo livros da «República». O «Fédon» já está traduzido em português — não sei como, porque não li essa tradução portuguesa. Os Alves Correia (6) parecem-me muito boa gente, e simpatizo muito com os franciscanos em geral.

Fiz em tempo a tradução de uns quatro ou cinco *retratos de mulheres* do Sainte-Beuve, verdadeiros encantos, tirados, um do volume intitulado «Retratos de mulheres», e os restantes dos «Lundis». Obra de superior moralista. Quere publicá-los na Imprensa da Universidade? Estão ao seu dispor, por uma remuneração mínima ou mesmo *gratis*, se lhe convier não me dar nenhuma. Posso mandar copiar à máquina, para o meu Amigo ler antes de se decidir.

Não se incomode a falar aos espanhóis na minha pessoa. A Paramount (7) acaba de me chamar para fazer uns trabalhos que possivelmente se prolongarão. Se esta última hipótese se der, fica mais ou menos resolvido o meu problema financeiro.

A sua acção editorial tem sido com efeito formidável. Muito admirativas felicitações.

Um abraço do seu

A. S.

P. S. Enquanto se imprimia o Descartes, a Imprensa ia-me enviando as folhas mas não me mandou as últimas, de pagina 94 em diante (o que se explica, porque remeteu o exemplar já completo). Gostaria, entretanto, de não ficar com aquele exemplar truncado, e de ter um jogo das folhas finais, para acrescentar às que tenho, e mandar encadernar, (p. 95 em diante). Não sei se na tipografia repararam que as notas do Leibniz não estão todas ainda compostas.

0 John Locke (1632-1704). Filósofo inglês.

0 S. Tomás de Aquino (1225-1274). Filósofo escolástico e teólogo.

0 Platão (429-347 a. C.). Filósofo grego discípulo de Sócrates.

0 Nicolas de Malebranche (1638-1715). Filósofo francês. Oratoriano.

0 Johann Gottlieb Fichte (1762-1814). Filósofo idealista alemão.

0 Manuel e Joaquim Alves Correia (1886-1951). Em particular este último, formado na Congregação do Espírito Santo, destacou-se como missionário na Nigéria (1919-20). Regressado a Portugal, revelou-se um escritor cristão sensível aos problemas religiosos e sociais. Mais tarde, nos Estados Unidos, leccionou sociologia na Universidade de Pittsburg até à data da sua morte.

0 Empresa cinematográfica, onde Sérgio trabalhou intermitentemente em 1930, 31 e 32. Tinha então a sua sede social na Rue des Réservoirs, St. Maurice (Seine).

**LES STUDIOS PARAMOUNT**

Société anonyme

Au capital de 10.000.000 de Frs

SIÈGE SOCIAL

7, Rue des Réservoirs St. Maurice (Seine)  
Adr. Télégr. Studpara - St. Maurice - Seine

TÉLÉPHONE

Studios — Gravelle 09-48 - 09-49

Paris — Opéra 03-70

R. C. Seine 243.708.B

**BUREAU DES STUDIOS**

7, Rue des Réservoirs

St. Maurice (Seine)

27-1-31

**Querido Amigo:**

Espero as suas instruções acêrca da resposta a dar ao Alcan. Talvez lhe pareça (e assim creio eu) que, ante o resultado da soma pedida, não vale a pena pensar mais no caso.

Estou sem saber o que deva pensar da falta de notícias sobre o meu afilhado. ¿Teria sobrevivido complicação na doença do rapazinho? Do Silvio de Lima também nada sei.

¿Chegou a dar à *Seara* a nota acêrca da questão religiosa no México?

¿Das obras que figuram como estando *no prelo*, da colecção *Filósofos e moralistas*, quais estão realmente no prelo? Quem traduziu o Croce? (\*) Quem a *Monadologia*? (\*) ¿Tem achado cousas interessantes nas suas investigações sobre o pensamento republicano em Portugal? (\*)

Espero que toda a sua meninada tenha escapado à gripe, que, se bem esteja bastante espalhada aqui, creio que tem atacado mais fortemente as Espanhas. Seu cunhado está de cama com ela, muito benigna.

Seu

A. S.

**P. S. Poderia mandar-me mais exemplares das *Meditações*?**

0 De facto, na contracapa da edição portuguesa das *Meditações Metafísicas*, anunciava-se a próxima saída da obra de B. Croce (1866-1952), *O que está vivo e o que está morto na filosofia do Hegel*. Julgamos que esta tradução nunca saiu do prelo.

(2) Obra de Leibniz escrita em francês em 1714. Ao que sabemos, uma tradução portuguesa, feita por António Novais Machado, só saiu em 1947, editada pela Casa do Castelo, Coimbra.

ÿ) Isto quer dizer que, por esta altura, Joaquim de Carvalho coligia elementos para a sua *Formação da Ideologia Republicana em Portugal*, estudo que veio a inserir na *História do Regimen Republicano em Portugal*, vol. 2, Lisboa, Ática, 1932.

**LES STUDIOS PARAMOUNT**

Société anonyme

Au capital de 10.000.000 de Frs

SIÈGE SOCIAL

7, Rue des Réservoirs St. Maurice (Seine)  
Adr. Télégr. Studpara - St. Maurice - Seine

TÉLÉPHONE

*Studios* — Gravelle 09-48 - 09-49

*Paris* — Opéra 03-70

R. C. Seine 243.708.B

**BUREAU DES STUDIOS**

7, Rue des Réservoirs

St. Maurice (Seine)

17-3-31

**Querido Amigo**

Soube, pela carta que escreveu ao Jaime, que o meu afilhadinho arribou bastante, e que passa, afinal, melhor do que eu supunha.

Estou sem saber se concorda com as considerações que lhe submeti a respeito da *Monadologia*. Se o meu Amigo arranjasse dinheiro da junta O para pagar os trabalhos sem que tivéssemos de esperar muito, atrever-me ia a pedir-lhe uma tradução. Sendo de obra de um grande *jacaré* (Descartes, Leibniz, Berkeley (?), etc.) é trabalho que faço com prazer. Infelizmente, não estou agora em circunstâncias de fazer seja o que fôr só por prazer. No fim dêste mês, antes mesmo, devo acabar umas notícias de quadros do Louvre que estou a escrever para um editor espanhol (?), e fico pronto para encetar outra faina, nos momentos livres do cinematográfico. Tudo é pouco para o equilíbrio do orçamento, já que não posso lançar impostos, como o Salazar (?).

Seu amigo muito grato, muito dedicado, e muito admirador

António Sérgio

O Deve tratar-se da *Junta de Educação Nacional*, fundada pelo ministro Cordeiro Ramos, e que tinha como 1.º secretário o republicano Luis Simões Raposo.

(?) Georges Berkeley (1685-1753). Bispo e filósofo irlandês.

0 Não sabemos se esta colaboração chegou a vir a lume.

(?) António de Oliveira Salazar (1889-1970). Professor universitário. Já então pres-tes a consolidar a sua liderança na ditadura instaurada a 28 de Maio de 1926.

St. Maurice (Seine)  
21-3-31

Querido Amigo

Remeto-lhe incluso o artigo que o *Temps* (\* \*) de ontem publicou sôbre Portugal, e que de-certo o interessará. Rogo-lhe que o torne conhecido aí. O Camara Reis (2) mandou-me uma folha que os jornais (3) de Coimbra tiveram a optima idea de lançar contra a minha *Antígona*, — esplêndido reclame ao meu manifesto de propaganda em forma dramática. Parece que os patetas não perceberam que eu tomei como ponto de partida a primeira scena da obra do Sófocles (4), que segui quanto o meu tema mo permitia, e que supuseram (ou fingiram supor) que me inspirei no... Cocteau (5), que em tempos fez uma tradução ou paráfrase do Sófocles! Hão de em tudo mostrar que são ignorantes e imbecis. Tenho pena que não haja aí muitos exemplares do meu manifesto-drama para vender e distribuir, tirando proveito do reclame que acabam de lhe fazer.

Dizem-me que o meu afilhadito vai bem nos seus estudos, e que tem na escola caloroso ambiente de simpatia entre professores e camaradas.

E o meu Amigo, como tem passado de saúde?

Um abraço do seu muito dedicado, grato, e admirador

Antonio Sergio

0) Deve tratar-se do diário francês *Le Temps*, jornal fundado em Paris em 1861 por A. Nefftzer. Foi considerado um órgão da III República. Depois de 1944, o jornal *Le Monde* restaurou as grandes linhas de *Le Temps*.

0 Luís da Camara Reis (1885-1961). Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi professor do ensino secundário e cronista da vida política portuguesa. Foi um dos fundadores da *Seara Nova*.

(\*) Sérgio refere-se aos artigos assinados por J. M., *Fraude Literária*, e *O ídolo tomba... Amparai-o na queda*, publicados no jornal de estudantes nacionalistas de Coimbra (Miranda da Rocha, Rolão Preto) *Acção*, n.º 8, I ano, 5-III-1931, p. 2, e n.º 9, 20-III-1931, pp 3-4. Em síntese, acusava-se António Sérgio de se inspirar «directamente da obra 'Antígona' de Jean Cocteau, que sendo uma adaptação de mediano valor, foi ainda inferiorizada neste caso pelo fanatismo sectário» (n.º 8, p. 2). Sérgio respondeu-lhes na nota anónima «A Antígona de António Sérgio e os mocinhos da 'Acção' de Coimbra», *Seara Nova*, n.º 243, 19-III-1931, pp. 45-46.

(4) Sófocles (497 ou 495 a 406 ou 405 a. C.). Poeta trágico grego autor de *Triptoloma*, *Antígona*, *Electra*, *Ajax*, *Édipo Rei*, *As Traquimianas* e outras peças.

0 Jean Cocteau (1889-1961). Dramaturgo e desenhador francês. Da vasta bibliografia em que retoma os temas da tragédia antiga, destacamos *Orphée* (1927) *Oedipe Roi*, *Antígona* (1929).

**LES STUDIOS PARAMOUNT**

Société anonyme

Au capital de 10.000.000 de Frs

SIÈGE SOCIAL

7, Rue des Réservoirs St. Maurice (Seine)  
Adr. Télégr. Studpara - St. Maurice - Seine

TÉLÉPHONE

*Studios* — Gravelle 09-48 - 09-49

*Paris* — Opéra 03-70

R. C. Seine 243.708.B

**BUREAU DES STUDIOS**

7, Rue des Réservoirs

St. Maurice (Seine)

31-1-31

Querido Amigo

Muito obrigado pelos documentos que me remeteu. Pena é que não haja exemplares da *Antigona* à venda, para se aproveitar o excelente reclame.

Minha mulher foi ao Hotel Chomel. Felizmente, não dão agora comida (o que é mais prático para quem está pouco tempo em Paris, e deseja os movimentos livres); o quarto para duas pessoas custa 30 ou 35 francos diários. A situação é muito simpática, e a casa, agradável. Previna-me com *antecedência* do dia em que chega, para eu lhe reter o quarto.

Suponho que o meu afilhadito continua bem, e esperançado de fazer boa figura no seu próximo *match* de *foot-ball*.

E as conferências?

Seu

A. S.

**LES STUDIOS PARAMOUNT**

Société anonyme

Au capital de 10.000.000 de Frs

SIÈGE SOCIAL

7, Rue des Réservoirs St. Maurice (Seine)  
Adr. Télégr. Studpara - St. Maurice - Seine

TÉLÉPHONE

*Studios* — Gravelle 09-48 - 09-49

*Paris* — Opéra 03-70

R. C. Seine 243.708.B

**BUREAU DES STUDIOS**

7, Rue des Réservoirs

St. Maurice (Seine)

5-4-31

Querido e presado Amigo

Muitíssimo obrigado pela sua última carta. Achei nela o dinheiro para o pagamento da assinatura das revistas que me encarregou de

António Sérgio

tomar, ou sejam duzentos francos. Serão cumpridas as suas ordens. Estou sem saber se vem ou não ao estrangeiro fazer as conferências. Espero que o meu afilhadito continue bem nos seus estudos, e que vá a exame perfeitamente preparado.

Está traduzida toda a advertência dos *Novos Ensaio*s, e já encetei o 1.º livro. Quere que remeta já essa advertência, para se ir compondo, ou que só envie com o resto? Creio que se não poderão dispensar algumas notas, postas no fim, como a das *Meditações*. Vem ou não vem às conferências?

Seu mt.º dedicado e mt.º grato amigo e admirador

A. S.

P. S. Traduzi em tempo alguns *Retratos de mulheres* do Sainte-Beuve, cousa para umas 150 páginas. Haveria um editor de Coimbra que os quisesse publicar, pagando-me, por exemplo, 6 e 12 meses depois da entrega do original? A razão, digamos, de 4 ou 5.000 por página numa edição de 2.000 exemplares?

Seu

A. S.

40

9-4-31

Querido Amigo

Remeto-lhe êsse recorte do *Temps* de hoje, que me parece interessante. Quando sai de Portugal? Quando passará por Paris? Que notícias me dá do meu afilhadinho?

Seu mt.º grato e dedicado amigo e admirador

A. S.

41

15-5-31

Querido e presado Amigo

Acabei a tradução do Leibniz. Vou fazê-la passar à máquina, para facilitar o trabalho dos tipógrafos. Como sabe, o texto dêste jaccaré exige muito mais anotações que o do Descartes. As notas poderiam ser de duas espécies: *filosóficas*, para esclarecimento doutrinal de certos passos do texto; *eruditas*, para explicação de muitas referências a pessoas, obras, etc. Que quere que faça? Nenhumas? De umas e de outras? Rogo-lhe que responda francamente. Farei como quiser, claro, mas além disso, cumprirei com gosto o que mandar.

A Paramount suspendeu por uns tempos a produção em português, de maneira que estou outra vez desempregado. Felizmente, tenho agora uns trabalhos a fazer para a *Labor C*) que me darão pão para mes e meio. Penso em procurar emprego em Espanha — jornalismo, livraria, ou cousa semelhante.

Afinal, vem ou não vem à estranja?

Tenho idéa de que em tempo me falou numa tradução do Berkeley. Quere que faça alguma, nas horas vagas? Mas há já talvez traduções de mais da minha pessoa.

E do meu afilhado, que notícias?

Seu amigo e admirador mt.º grato.

A. S.

C) Casa editora de Barcelona onde Sérgio publicou, em 1929 a sua *Historia de Portugal*.

42

18-5-31

Querido Amigo:

O Boutroux (\*) deu preferência ao texto do Gerhardt (2), por motivos que me pareceram fundamentados. Foi também pelo Gerhardt que se inclinou o mais considerável tradutor inglês dos *Novos Ensaios*, Langley (3). Os pequenos desvios do Boutroux em relação ao texto por êle escolhido afiguram-se-me, outrossim, plenamente razoáveis. Decidi, por isso tudo, utilizar-me da edição do Boutroux. Acha bem? Dentro de poucos dias irá o resto da tradução. Só falta passá-lo á máquina (para maior comodidade dos tipógrafos, apesar da minha letra não ser das piores). Como o estilo dos *Novos Ensaios* não é dos mais belos, procurei ter mais elegância e mais música que o original. Creio ser bom serviço à filosofia o tornar os seus textos atraentes e formosos, na medida do possível. No manuscrito que remeti, traduzi *Avant-propos* por *Advertência*. Parece-me agora que será talvez preferível *Preâmbulo*. Que diz?

Já me não lembrava bem do que me dissera em tempos sobre o Berkeley, e até supunha que eram os *Diálogos* (4) o que queria; mas concluo, pelo que agora vejo na sua carta, que convirá traduzir eu o *Treatise concerning the Principle of human knowledge* (5). Vou trabalhar nele. Mandei vir de Inglaterra um exemplar do original, porque o meu está em Lisboa. Marcarei na versão (entre colchetes, por exemplo), as adições feitas por Berkeley na 2.ª edição, a não ser que o meu Amigo me dê ordem em contrário. Não deixarei de ler, no entanto, a versão francesa, já que foi feita por um grande mestre, o Renouvier. Remeterei o manuscrito à medida que estiver pronto.

Obrigadíssimo pela intervenção junto de D. Pedro de la Calle (6). Não tenho razão muito forte para preferir Madrid a Santiago ou Salamanca; só vejo, pequena, o facto de já ter amigos naquela. Creio que com os galegos me daria muito bem. Alegraram-me as notícias que me dá do meu afilhado. Se as melhoras do pequeno se acentuarem, peço-lhe que mo diga em duas palavras. O que vejo é que êle

tem muito pouco método nos seus estudos. Precisa de organizar um plano rigoroso de trabalhos. Não sei se é capaz disso. Até hoje, não lhe descobri verdadeiras capacidades de atenção e vontade; parece-me daqueles que andarão ao sabor dos acontecimentos, sem os dominar.

Seu mt.º grato

A.S.

P. S. O nosso amigo seguiu hoje para Madrid. Está com o Alvaro Pope <sup>(1)</sup> na Pensão Cubana, Pi y Margall.

<sup>(1)</sup> Émile Boutroux (1845-1921). Filósofo francês.

<sup>(2)</sup> C. J. Gerhardt (1816-1899). Editor dos *Leibniz philosophische Serif ten e Leibniz matematische Serif tien*.

<sup>(3)</sup> Langley. Tradutor inglês dos *Nouveaux Essais*.

<sup>(4)</sup> *The Dialogus between Hylas and Philonous*. Com efeito, Sérgio veio a traduzir esta obra dando-lhe o título *Três diálogos entre Hylas e Filonous em oposição aos cépticos e ateus*, Coimbra, Atlântida Editora, 1948.

<sup>(5)</sup> *Treatise concerning the Principle of Human Knowledge*, 1710.

<sup>(6)</sup> Pedro Urbano González de la Calle. Historiador espanhol, professor em Salamanca. Colaborou na *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, 1933, com o estudo *Contribución a la biografía de Manuel da Costa, «Doctor Subtilis»*.

<sup>(7)</sup> Aliás, Álvaro Poppe (1879-1972). Oficial do exército, militante republicano desde 1908 e deputado. Combatente da ditadura do 28 de Maio, esteve no exílio de 1927 a 1940.

### Querido Amigo

Não lhe tenho escrito, porque todos os dias esperava a carta prometida. Vejo com alegria que melhoraram as cousas relativas à sua pessoa, e que pode continuar o seu teor de vida. Quanto ao meu afilhadito, já estou acostumado às asneiras do rapaz. Suponho também que tem que mudar radicalmente de plano de vida e preparar-se mais de acordo com o carácter dos tempos e as suas verdadeiras vocações. Seria convenientíssimo que os pais tivessem dinheiro, para o mandarem estudar fora do país, que é onde êle deveria preparar-se para o violento struggle-for-life actual.

Seria favor escrever ao Urbano González. Para curso de férias será já tarde; acaso se poderia arranjar um trabalho no jornalismo, em uma livraria editora, ou um preceptorado particular, como já tenho tido em França. Posso ensinar francês, rudimentos de inglês, matemáticas, física, geografia, etc.

A pessoa que me copiava à máquina o Leibniz teve agora de interromper. Dentro de alguns dias seguirá o resto. Depois, perante as provas de página, escreverei as notas, para serem todas no fim, à alemã. Como sabe, o texto é muito mais erudito que o do Descartes, e está cheio de alusões, algumas das quais convirá esclarecer. Digo-

-lhe que me diga com toda a franqueza se valerá a pena ir pensando no Berkeley, no qual em tempos falámos.

Mil agradecimentos por tudo. Desejo que Buarcos lhe faça bem. Não se rale por cousa alguma. Os males veem quasi sempre de onde os não esperamos, e não donde cuidamos que podem vir. Portanto, preocupar-nos com maus prenúncios é tolice

Seu

A. S.

44

[22-6-31]

Querigo Amigo

Recambio por êste correio as provas dos *Novos Ensaios*; vai com elas o resto do original. Rogo-lhe que me diga qual é a ortografia que quer adoptar na colecção para os nomes de Leibnitz e de Espinosa. Quere que o primeiro leve t ou não leve t? Põe-se no segundo s ou z? Rogo dê à tipografia as suas ordens a êsse respeito. Parecia-me bem ir fixando uma ortografia e um vocabulário para toda a colecção. Na tradução dos *Novos Ensaios* criei o neologismo *experenci-iar*, que me parece utilissimo. *Experenci-iar* ficará como o verbo correspondente a *Experiência* no sentido geral, e *experimental* como o verbo correspondente a *Experimentação* (verificação experimental, prova experimental, etc.). *Experenci-iar* ficará pois significando *ter* experiencia, etc.; *experimental* ficará significando *realizar* experimentação. Concorda? Na versão de Berkeley, o Renouvier traduz ambas as palavras *mind* e *spirit* por *esprit*. Tenciono traduzir a primeira por *consciência* e a segunda por *espírito*. Parece-lhe bem? Creio que no original do diálogo no Leibniz marquei um intervalo de *três linhas* entre as falas. Foi um engano que não sei como ocorreu (se é que ocorreu). O que eu quis indicar, foi tão só que me parecia bem um intervalo um pouco maior que o ordinário entre as linhas, a separar as falas das duas personagens. Escrevi o nome das duas personagens sempre por extenso; parece-me mais claro para o leitor e tipograficamente mais elegante. Pedi duas colecções de segundas provas para ficar com uma que me há de servir para escolher as frases a que será indispensável fazer uma anotação no fim do volume, à alemã.

Esteve aqui o Mendonça O, do Jardim Botânico, que me trouxe lembranças suas. Muito obrigado. Dizem-me que o Silvio de Lima deve aparecer por aí, a ver a exposição colonial. Não tenho grandes notícias do meu afilhado. O rapazinho precisa de alguém que o ensine a ter método nos seus estudos, a ligar e organizar os conhecimentos. Não se consegue fazer dêle uma cabeça bem arrumada.

Seu mt.º amigo, admirador e grato

A. S.

O Trata-se de Francisco de Ascensão Mendonça. Funcionário do Jardim Botânico de Coimbra, autodidacta, revelou-se um naturalista de mérito. Foi também professor na Universidade.

2.ª feira [29-6-31]

Querido Amigo:

Muitíssimo grato lhe estou pelos persistentes esforços que tem feito para me encontrar um emprêgo em Espanha. Já não espero que daquelas terras me venha solução para o meu duro problema actual. Recomeço a pensar nas Áfricas. Tenho passado a vida inteira a aprender o significado pleno da palavra *resignação*. Olho para trás, e vejo a minha existência tôda cheiinha de fainas de ganha-pão áridas, cordialmente detestadas por mim, avêssas às minhas aptidões e ao meu feito. Os momentos de trabalho a meu gosto teem sido raríssimos, fugidios, gozados como se goza um [cume?], e angustiosamente pagos logo depois. Sinto fugirem-me os últimos anos de lucidez, sem a menor esperança de a empregar. A minha vida foi tôda ela um naufrágio contínuo, suportado com uma resignação aparentemente riso-nha. Aí tem. Já duvido que me restem uns momentos para traduzir o Berkeley. Estes tempos vou ter de consagrá-los inteiramente a fazer esforços para me empregar, — no estado de espírito que calcula. Tinha ódio profundo ao cinema; mas antes a faina odiosa que as misérias do desemprego. O pior de tudo é a atmosfera moral que, nestas circunstâncias, se cria dentro de uma casa.

Lastimo que só venha em Novembro. Tenho a impressão de que de aqui até lá se poderá passar psicologicamente, um século, e não prevejo onde poderei estar a essa data.

Descreio de que o meu afilhadito possa ficar aprovado nos seus exames. O êxito nas cadeiras técnicas depende da cultura geral do rapazinho; e os seus professores de cultura geral, como sabe, foram sempre radicalmente incapazes, puramente verbais.

Quanto à ortografia de *Leibniz*: eu preferia sem t, mas acho melhor ainda haver uniformidade na colecção dos *Filósofos e moralistas*. Como sempre, o meu Amigo mandará.

Mil agradecimentos ainda.

Seu

A. S.

46

**LES STUDIOS PARAMOUNT**

Société anonyme

Au capital de 10.000.000 de Frs

SIÈGE SOCIAL

7, Rue des Réservoirs St. Maurice (Seine)  
Adr. Télégr. Studpara - St. Maurice - Seine**BUREAU DES STUDIOS**  
7, Rue des Réservoirs

St. Maurice (Seine)

TÉLÉPHONE

Studios — Gravelle 09-48 - 09-49  
Paris — Opéra 03-70

R. C. Seine 243.708.B

Sábado (Julho de 1931)

Querido Amigo

Remeto-lhe por este correio um exemplar do Livro do Norman Angeli O, recentemente aparecido: *Os assassinos que se não veem. A*

obra fez grande impressão em Inglaterra, e vai ser traduzida em francês, alemão e espanhol. É possível que se obtenha do editor e do autor, *gratis*, o direito de a traduzir *em português* (para as outras línguas exigem direitos). ¿Quere o meu Amigo publicar a tradução na sua Imprensa, caso se obtenha *gratis* a permissão? Quanto aos tradutores, creio melhor, para ir mais rápido, procurar uns três ou quatro rapazes, (dos quais um poderia talvez ser o António de Sousa (2), director da Associação Cristã da Mocidade em Coimbra, e que suponho sabe bem o inglês). Quem espera obter *gratis* o direito de tradução em português é uma senhora inglesa generosa e humanitária, que deseja difundir as humanitárias ideas do Norman Angeli. Dado o prestígio do autor e o carácter moralizador e político da obra, talvez pudesse a versão fazer parte da biblioteca de *Filósofos e moralistas*. Os «assassinos invisíveis» são os preconceitos, sofismas, mentiras, etc., que correm e que impedem o entendimento entre o povos. É um livro actualissimo e representativo da época. Que lhe parece? Peço-lhe resposta tão breve quanto possível. Talvez eu lhe pudesse conseguir aqui em Paris uma parte (um quarto, digamos) da tradução.

Com o livro, vão as provas do Leibniz. Remeteram-me com elas uma folha da Obra do Castelo Branco Chaves (3), creio que em vez da última folha já impressa do Leibniz. Recambio também essa folha.

Creio que lhe disse em tempo que, além do problema financeiro relativo ao Proença (4), tenho a meu cargo o da assistência aos emigrados necessitados em França e Bélgica. Aquele exige neste momento mais dinheiro; mas, em compensação, é mais fácil arranjar para êle cotizações. Explica-lhe isto um trecho da minha última carta, que poderia parecer obscuro.

Veja o meu Amigo o que é a nossa gente. Existem em Paris emigrados que não precisam de ganhar a vida, e que passam o tempo a conversar nos cafés. Pois, quando surge a necessidade de fazer qualquer coisa pelo bem comum (assistência; relações com o governo francês ou estrangeiros; dificuldades com a polícia por falta de passaportes, etc.) sou *sempre* eu o encarregado de resolver *todos* êsses problemas, a-pesar de estar prêso, nas minhas fainas de ganha-pão, das 8 da manhã às 11 da noite (de dia, das 8 da manhã às 8 da noite, toma-me a Paramount e a viagem *para* e *de* Joinville; à noite, das 9 1/2 às 11, tenho lições a discípulos; não posso abandonar os discípulos porque o trabalho na Paramount não é seguro, e pára às vezes). Bem sei que há cousas (relações com os governos estrangeiros, por ex.), que outro qualquer não poderia fazer por mim; mas da assistência outros se poderiam encarregar. Alegam-me que não são pessoas de actividade e de expediente; mas veremos que, quando as cousas mudarem, logo passam a ter actividade e expediente para concorrer a embaixadas, legações, ministérios, govêrnos civis, etc.

Um grande abraço do amigo

A. S.

0 Economista e jornalista inglês nascido em 1874. Em 1910 escreveu o livro *The great illusion*, obra traduzida em muitas línguas. Apóstolo da S.D.N. (Sociedade das Nações) e pacifista fervoroso, recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1933.

*António Sérgio*

(2) António de Sousa. Poeta nascido em 1898, ligado ao saudosismo e depois à Presença. Em Coimbra, foi presidente da Associação Académica e secretário geral da Associação Cristã de Estudantes de Coimbra.

(3) Trata-se da obra de Castelo Branco Chaves, *Estudos Críticos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.

(4) Sérgio refere-se à campanha de angariação de fundos para custear o tratamento de Raul Proença.

47

22-7-31

Querido e excelente Amigo:

Remeto inclusa uma carta oficial, agradecendo e acusando o recebimento do cheque de 454 francos.

Enviei há dias o resto da tradução do Leibniz e as notas relativas à parte já paginada. Se tiver tempo de as ler, rogo me diga com toda a franqueza se acha bem. Procurei anotar o menos possível; mas pareceu-me que o texto está cheio de alusões sobre que o principiante necessita de esclarecimentos: e aos principiantes me parece que se deverá dirigir sobretudo a colecção. Não pude ainda começar o Berkeley. Vi outro dia um volume da colecção *Pela Imagem*, do Leio, cópia de uma colecção semelhante do Hachette O. Eu poderia traduzir alguns volumitos dessa série, ou fazer alguns originais, mas não conheço os Lelos. Pedi ao Proença que lhes escrevesse. Creio porém que não tenho a simpatia desses editores, não sei porquê.

Como suponho que já lhe disse, seus cunhados foram para La Baule. A saúde do meu afilhadito parece que não vai mal, mas dizem-me que teve de adiar agora o início dos banhos de mar, talvez por pouco tempo. Ainda bem que conseguiu diminuir consideravelmente as exigências do editor Alcan.

Reitero-lhe os meus agradecimentos por todos os seus favores, e peço-lhe que me creia.

Seu amigo mt.º grato e dedicado admirador

A. S. (\*)

(\*) Hachette. Casa Editora francesa fundada em 1826.

48

16, rue Louis-Blanc  
Levallois-Perret (Seine)  
22-7-31

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Administrador da  
Imprensa da Universidade de Coimbra

Ex.<sup>mo</sup> Senhor

Acuso o recebimento do cheque da Casa Totta n.º 10673, de 454 francos, sobre Paris, importância relativa a traduções por mim feitas para a Imprensa que está sob a sua tão esclarecida e benemérita direcção. Aceite V. Ex.<sup>a</sup>, com os meus agradecimentos, os protestos da muita estima e admiração do

Dev e Cr.  
Mt.º atentamente e dedicado  
António Sérgio

(Referencia ao seu officio  
n.º 1507, L.º 34, fis. 177)

49

2.<sup>a</sup> feira (Novembro, 1931)

Querido Amigo

Tenho aqui vindo pela manhã, sem o prazer de o encontrar.  
Peço-lhe que me telefone das 10 ao meio-dia: Pereire 06.26.  
Espero que no dia que passar por Paris poderá vir jantar  
connosco a Levallois.

Da place Pereire a minha casa são uns 8 minutos a pé, 3 ou 4 de tramway.

Até breve

Seu

A. Sérgio

50

Domingo [7-2-32]

Querido Amigo

Esqueci-me de lhe dizer na minha última carta que a Paramount, que entrara num período de hibernação, vai reatar as suas fainas, e que eu terei lá que fazer, na direcção de uns trabalhos

técnicos laboratoriais: por consequência, já me não convém ir para Espanha, e peço-lhe que interrompa todas as diligências que tenho estado a dever à sua excelente amizade, a favor da obtenção de uma cátedra para mim. E milhões de agradecimentos.

Espero remeter-lhe dentro de uns dias as cópias dactilografadas dos três *retratos de mulheres*. Estou com vontade de saber a sua impressão. Eu acho-os deliciosos, obras de um superior moralista.

A biblioteca dos opúsculos pedagógicos poderia também ter o mesmo formato que a colecção clássica do Hachette, que me parece muito bem escudado. Cada opúsculo cabe na algibeira interior de um casaco, e, graças à altura e ao tipo, permite pôr bastante matéria em 64 páginas cozidas a ponto de arame. Quanto à venda da colecção de autores clássicos, precisamos de acabar com o velho e condenado sistema das selectas, que nenhuma nação civilizada usa, e obrigar os estudantes do liceu a estudar e comentar obras inteiras de autores nacionais. Como é fatal que um dia se decrete isto, a Imprensa da Universidade, iniciando a série, teria um avanço sobre todos os outros editores, além da honra de promover um melhoramento pedagógico que se impõe. Que lhe parece? Poderíamos começar por:

Líricas de Camões <sup>(1)</sup>;  
Sonetos de Bocage <sup>(2)</sup>;  
Marília de Dirceu <sup>(3)</sup>;  
Joaninha de Garrett <sup>(4)</sup>;  
Dois *Apólogos Dialogais* <sup>(5)</sup>;  
Fernão Lopes <sup>(6)</sup>;  
Mendes Pinto (episódios de Antão de Faria) <sup>(7)</sup>;  
*Frei Luís de Sousa*, de Garrett <sup>(8)</sup>;  
Seleccção da *Carta de Guia* <sup>(9)</sup>;  
Dois Arrais <sup>(10)</sup>;  
Seleccção de Heitor Pinto <sup>(11)</sup>;  
*Causas da decadência dos povos peninsulares* <sup>(12)</sup>;  
Sonetos de Antero <sup>(13)</sup>

não deixando de incluir autores brasileiros (*Contos* de Machado de Assis <sup>(14)</sup>, a *Inocência* de Taunay <sup>(15)</sup>, *Poesias* de Castro Alves <sup>(16)</sup>, etc.)

*Qu'en pensez-vous, mon cher?*

Quanto ao Proença, o melhor seria obter agora uma soma maior de empréstimo, para se pagar em pouco tempo. Um abraço do seu mt.º amigo e admirador

A.S.

(Volte, se faz favor)

P. S. Depois de escrita esta, recebi em casa a sua carta. Muito obrigado por tudo. As notícias do Proença que aqui me esperavam são muito más; piorou muito. A solução agora é seguir o conselho do Pulido Valente <sup>(17)</sup> e fazê-lo transportar imediatamente para Portugal, onde ingressará no Conde Ferreira <sup>(18)</sup>; mas não temos dinheiro para a viagem. O prático seria obter já um empréstimo que poderíamos ir pagando com as contribuições mensais futuras, pois que se consegue que o recebam no Conde Ferreira *gratis* ou só por 300 escudos mensais, e o irmão encarrega-se da família.

Vou pensar nos folhetos pedagógicos, e fazer copiar os *Retratos de mulheres*, que são os de Madame Récamier <sup>(19)</sup>, Madame de Sévigné <sup>(20)</sup> e Madame de Geof-

frin C<sup>21</sup>). Se aprovasse a idea da bibliotecazinha clássica no tipo da Hachette a um franco e cincoenta (de que remeto um espécime) poderão já pertencer a ela os *Re-tratos*.

Perfeitamente de acordo no que diz do *Parmeni-des* (2<sup>2</sup>) e alegro-me com a idea de que o vai dar na colecção dos *Filósofos e moralistas*. Seria inadmissível dar só extractos do Locke?

Quanto ao alemão, estou muito esquecido, porque o não leio há cêrea de dez anos: há dez anos ter-me-ia oferecido para traduzir. O Bradley C<sup>23</sup>) iria, se não fosse o tamanho. Todo volume que seja maior que os que já fiz do Descartes e do Leibniz me aterroriza, com mêdo de não ter tempo de o acabar. Mas os ingleses exigem direitos de tradução muito grandes, não é verdade? Ainda ali tenho, encahada numa gaveta, uma boa parte da tradução que fiz do B. Russell.

Seu

A. S.

P.S. Se aprovasse a idea da bibliotecazinha de literatura, poderia dar-lhe em breve uma selecção dos sonetos do Bocage, dispostos por uma ordem psicológica — evolução psíquica — uma antologia de Maria de J<sup>Q</sup>irceu e a parte das *Viagens na minha terra* relativa à *Joaninha*.

O A. da Silva (2<sup>4</sup>) não tem ambições universitárias, nem filológicas. Sonha com ir para um liceu de provincia e dedicar-se à crítica e história literárias.

(1) Luís de Camões (1525-4-1580). Poeta. As *Líricas* resultam da compilação de vários poemas (Rodrigues Lobo Soropita, 1595; Estevão Lopes, 1598; Domingos Fernandes, 1616; Faria e Sousa, 1685; Visconde de Juromenha, 1860-69; Teófilo Braga, 1873). G. Storck e Caro<sup>1</sup> \* ina Michaëlis procuraram reconstituir o texto original; J. M. Rodrigues e A. L. Oliveira ordenaram internamente a obra, em 1932; em 1946, Hernâni Cidade fixou uma primeira edição correcta.

(2) Bocage (1765-1805). Poeta. Em 1791 saiu o primeiro tomo de *Rimas*; em 1799, o segundo; em 1804, o terceiro. Os *Sonetos* são uma colectânea que apareceu pela primeira vez em 1915, editada por Hernâni Cidade.

0 Título da obra de Tomás António Gonzaga (1744-1810).

(4\*\*\*\*\*) João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799-1854). Escritor e político liberal. A «Joaninha» citada por Sérgio refere-se a uma parte da obra de Garrett, *Viagens na Minha Terra* (1834), nomeadamente aos capítulos XXXI a XXXVI e XLI a XLIX.

(?) Obra de D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) publicada em 1721.

(e) Fernão Lopes (1380-4-1458). Cronista.

(?) Fragmento da *Peregrinação* obra de Fernão Mendes Pinto (1510 ou 1514-1583).

(?) Obra de Garrett (1799-1854) editada em 1844.

(?) *Carta de Guia de Casados*, de D. Francisco Manuel de Melo. Obra editada em 1651.

C<sup>10</sup>) Sérgio refere-se a duas histórias de Herculano tiradas das *Arras por Foro de Espanha* insertas nas *Lendas e narrativas*.

## António Sérgio

C<sup>11</sup>) Frei Heitor Pinto, frade jerónimo falecido em 1584.

O<sup>3</sup>) Conferência de Antero de Quental feita no Casino em 22 de Maio de 1871.

C<sup>13</sup>) Primeira edição organizada por Oliveira Martins em 1886.

(<sup>14</sup>) Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Escritor brasileiro, co-fundador da Academia Brasileira de Letras. Sérgio deve referir-se aos *Cantos Fluminenses*, publicados em 1872.

C<sup>15</sup>) Alfredo d'Escagnoble, visconde de Taunay (1843-1899). Romancista brasileiro. *Inocência*, romance publicado em 1872, é a sua obra mais conhecida.

O<sup>6</sup>) António de Castro Alves (1847-1871). Escritor brasileiro romântico cognominado o poeta dos escravos. Livros mais importantes: *Espumas Flutuantes* (1870); *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876), *Vozes d'Africa* (1880) e *Navio Negreiro* (1880).

(<sup>\*7</sup>) Francisco Pulido Valente (1884-1963). Médico e professor universitário.

O<sup>8</sup>) Hospital Psiquiátrico.

O<sup>9</sup>) Jeanne-Françoise Bernard Récamier (1777-1849). Célebre pelo seu «salon» literário.

O<sup>9</sup>) Marie de Rabutin-Chantal, marquesa de Sévigné (1626-1696). Escritora francesa.

(<sup>a</sup>) M<sup>me</sup> Marie Thérèse Geoffrin (1699-1777). Mulher célebre pelo seu espírito e pelos seus serões literários frequentados por filósofos.

(<sup>M</sup>) Refere-se ao diálogo de Platão.

(<sup>o</sup>) Francis Herbert Bradley (1846-1927). Filósofo idealista inglês. Principais obras: *The Presuppositions of Critical History* (1876), *Appearance and Reality* (1893), *Essays on Truth and Reality* (1914).

(<sup>24</sup>) Agostinho da Silva.

## 51

### Société Anonyme Française LES STUDIOS PARAMOUNT

au Capital de 10.000.000 de Frs.

R. C. Seine 243.708.B

**Siège Social:**  
**7, Rue des Réservoirs**  
**Saint-Maurice**

**Robert T. Kane**  
Administrateur - Délégué

(Seine) Télégr. & Cables: *Studpara - Paris*

— Téléphone: *Gravelle 25-48 - 17-91*

Bureau à Paris, 1, Rue Meyerbeer

**Saint-Maurice, 18-2-32**

## Querido Amigo

Mil agradecimentos pelo prazer que me deu a leitura do seu *Discurso C*. A Academia é que infelizmente não era digna de lhe ouvir a arenga, nem de o contar entre os seus membros.

Remeti-lhe há dois ou tres dias os *Retratos de mulheres*. Espero a sua opinião, não só quanto à edição deles mas também quanto à minha idea de uma *Biblioteca Clássica* (originais e traduções) para uso dos rapazes do liceu. O Agostinho da Silva diz-me que nos liceus de província não é possível fazer ler os autores exactamente porque não há edições ao alcance dos rapazes. Greio que umas brochuritas

de 64 a 74 páginas, iguais às do Hachette, cozidas a ponto de arame, não sairiam muito caras.

Quanto aos opúsculos pedagógicos (que poderiam ser iguais aos da *Biblioteca clássica*, só diferindo deles na cor da capa) talvez pudéssemos começar por uma exposição do plano Dalton <sup>(2)</sup>, junta a: uma exposição do método Cousinet <sup>(3)</sup> escrita por êle próprio. As brochuras sobre o plano Dalton estou eu autorizado a traduzir pela *Dalton Association*; quanto ao Cousinet, era pedir-lhe licença: estou convencido de que a concederia *gratis*.

Aguardo as suas ordens.

Parece-lhe que se poderá arranjar algum dinheiro para a assistência?

Já há uma semana escrevi aos médicos de Lisboa (Pulido Valente, Francisco Gentil <sup>(4)</sup>) sobre a ida do Proença para o Porco, mas ainda não tive resposta. Ele continua muito mal, a pontos de se temer o irreparável.

Que consequências terá o escândalo da Comissão Municipal de Lisboa? (\*) Nem aquilo convencerá o exército de que êle não pode senão prejudicar-se chamando a si a política, e sobretudo a política *não fiscalizada*?

Como tem passado o meu afilhadito.

Um abraço do seu Amigo e admirador mt.º grato e dedicado

A. S.

0 Possivelmente, referencia a edição do *Discurso proferido na sessão inaugural do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932.*

0 Organização escolar inspirada no pragmatismo de Dewey (1859-1952) e nos princípios metodológicos da pedagoga italiana Maria Montessori (1870-1952). A primeira experiência, animada por Helen Parkhurst, foi feita em Dalton (E.U.A.) em 1920.

(®) Roger Cousinet, pedagogo ligado ao movimento da «Escola Nova».

(4) Francisco Soares Branco Gentil (1878-1964). Professor de cirurgia na Faculdade de Medicina de Lisboa.

(5) Sérgio faz eco da crise no município lisboeta desencadeado pelo pedido de sindicância feito por Artur da Silva e Ribeiro Santos, aos seus actos como director e sub-director das oficinas municipais. Esse pedido resultou de divergências destes funcionários com o vereador do pelouro, Quirino de Jesus. A sindicância foi considerada desfavorável ao vereador. Toda esta questão levantou grande polémica, pois este acusou publicamente o presidente da Comissão Administrativa, o general Vicente de Freitas, de «corruptor e encobridor de ladrões». Na sequência do diferendo, este solicitou ao Ministro do Interior a exoneração da Comissão Administrativa, que então governava a Câmara Municipal de Lisboa, e o levantamento de um inquérito aos seus actos. Foi depois nomeada uma nova Comissão presidida pelo coronel Adriano da Costa Macedo. (Veja-se *O Primeiro de Janeiro*, n.º 35, LXIV ano, 12-11-1932, p. 3; n.º 36, 13-11-1932, p. 5; n.º 37, 14-11-1932, p. 3).

Querido Amigo

Muito obrigado pela sua carta, e pelos Leibniz. Gostaria de ter um exemplar da *última folha*, para juntar às outras folhas que cá tenho, e fazer um volume. Remeteram-se a alguém?

António Sérgio

Agradeço a minha inclusão na comissão espinoseana O. Claro que concordo com a inclusão de todos os outros nomes. O Romão <sup>(?)</sup> é professor de filosofia da Universidade de Lisboa, facto de que o meu Amigo não tem culpa alguma. *Que função tenho eu que exercer como membro do comité?* Nenhuma?

De acordo com o que diz sobre o meu artigo de *Reforma do legislativo* <sup>(3)</sup>. Reunimo-nos em tempos aqui uma dezena de amigos, combinámos um plano de reforma, e cada um foi encarregado de tratar certos pontos. A mim incumbiram-me daqueles, e só daqueles. De aí o incompleto do artiguinho. Os outros, dos restantes companheiros, nem foram publicados, porque eles desistiram de fazer o folheto que planeáramos.

Estou em miserável situação financeira. Constou-me que a *Junta espanhola de Ampliação de Estudos* organiza um curso de férias. Poderia dar algum passo no sentido de me encarregarem de umas prelecções sobre Portugal nesse curso de férias?

Um abraço mt.º grato do seu

A. S.

P. S. De acordo com o círculo unico. Não poderia dar à *Seara* um artigo sobre o assunto?

<sup>(?)</sup> Este congresso espinoseano realizou-se na Haia em 1932.

<sup>(?)</sup> João António de Matos Romão. Professor catedrático da Faculdade de Letras, onde se doutorou em 1912.

<sup>(?)</sup> Referência ao ensaio de Sérgio, *A reforma do legislativo*, escrito em 1929 e publicado em *Ensaíos*, t. III, Porto, Renascença Portuguesa, 1932.

53

7 de Julho [1932]

Querido Amigo:

Muito obrigado pela remessa da ordem de pagamento, que recambio devidamente assinada.

Que significa este novo ministério? C) Quais as suas intenções? Que poderá sair dele?

Peço-lhe que se não esqueça de me dar as suas ordens quanto às minhas funções de membro da comissão do centenário do Espinosa, se é que alguma função tenho a desempenhar.

Amigo muito grato e admirador

António Sérgio

<sup>(?)</sup> Interrogações feita a propósito da subida de Oliveira Salazar a Primeiro Ministro. De facto, dando força jurídica ao poder real do ministro das Finanças, Carmona aceita o pedido de demissão de Domingos de Oliveira (24-VI-1932), convoca o Conselho Político Nacional (27-VI) de maioria salazarista e, a 29 de Junho, encarrega Salazar de formar governo. A 5 de Julho, o novo gabinete toma posse em Belém. Era composto pelos seguintes

*Cartas do exílio de António Sérgio*

ministros: Salazar (Presidência e Finanças), Albino dos Reis (Interior), Manuel Rodrigues (Justiça), Daniel de Sousa (Guerra), Mesquita Guimarães (Marinha), Duarte Pacheco (Obras Públicas e Comunicações), César Mendes (Estrangeiros), Armindo Monteiro (Colónias), Cordeiro Ramos (Instrução), Sebastião Garcia Ramires (Comércio e Indústria).

54

16, rue Louis-Blanc  
*Lev állois-P erret (Seine)*  
19-7-32

Querido Amigo.

Aqui vai inclusa a carta oficial, com os meus melhores agradecimentos.

A Imprensa poderia fornecer-me a lista das pessoas a quem remeteu a tradução? E mais uns três exemplares, e um exemplar da última folha, para acrescentar às outras folhas que cá tenho? Perdoe tanto pedido!

Falei outro dia como o director da Biblioteca da Sorbona. Manifestou-me vivo interesse em receber para a sua biblioteca um exemplar de todas as teses apresentadas à Universidade de Coimbra, e, se possível, das publicações da respectiva Imprensa. Prometi transmitir-lhe este pedido.

Não poderia agora em férias dar algumas palavras à *Seara* sobre a reforma política?

Creio que efectivamente o meu afilhadito não poderá seguir os estudos. Não sei qual poderá ser o futuro daquele rapaz.

Recebi já provas dos *Retratos de mulheres*, que vou recambiar. Não sei se tenciona incluir o volume na série *Filósofos e moralistas*, como obra de moralista, se em outra série.

Seu cunhado está em Vichy.

A Senhora Dona Dulce seguiu para Portugal.

Rogo me diga, quando puder, se estou obrigado a fazer qualquer cousa como membro da Comissão do Centenário do Espinosa.

Procuró trabalho por todos os lados. Até agora nada encontrei. Telegramas do Rio de Janeiro dão meu sogro como muito doente, sem esperança.

Um abraço muito grato do seu

A. S.

55

Domingo (16-10-32)

Querido Amigo

Recebi ontem carta do Cadarso O convidando-me a exercer um leitorado em Santiago de Compostela do meiado de Janeiro a meiado de Maio. Que posso tomar para assunto o tema que eu quiser. Parece-me que o de maior actualidade para os Espanhóis de hoje será

a nossa geração de 1870: Antero, Oliveira Martins (2), Eça (3), Junqueiro (4), Guilherme Braga (5), Gomes Leal (6)—os revolucionários, enfim. Ficar-lhe-ia muito grato se me fizesse remeter as obras do Antero, edição da Imprensa da Universidade — menos os *Sonetos* e as *Cartas inéditas a Oliveira Martins*, que tenho aqui. A importância poderia talvez ser-me debitada para ser deduzida no crédito que tenho da venda dos livros que traduzi — Renouvier, Descartes e Leibniz. Seria favor emprestar-me ao mesmo tempo os trabalhos do Carlos França (7), de que me falou.

Felizmente, vieram-me agora uns pequenos trabalhinhos da Paramount. Se não fora isso, não sei como haveria de me aguentar. Mas não calculo quando poderei ter vagar para escrever a meia dúzia de palavras sobre a Holanda do tempo do Espinosa (8). ¿Em que dia deverá chegar a Coimbra o discursozinho? (comprimento, um quarto de hora, não é verdade?)

Com a vida que tenho tido, não me foi possível adiantar nada, desde a sua partida, na noticiazinha sobre Portugal, em francês, de que lhe falei.

Aquele negócio do Jaime de que palrámos, encalhou. Ele achou novas razões para não andar, satisfazendo assim os desejos do amigo. Uma trapalhada.

E o meu afilhadinho? Dará melhor conta dos seus estudos neste ano lectivo?

Um grande abraço do seu

A.S.

0 Alexandre Rodrigues Cadarso (1887-1933). Anatomista, professor catedrático na Universidade de Santiago de Compostela, de que foi nomeado reitor em 1930. Em 1931, lançou o Instituto de Estudos Portugueses no qual leccionaram ou fizeram conferências, entre outros, escritores como Hernâni Cidade, Fidelino de Figueiredo, Joaquim de Carvalho, Morais Frias, Jaime Cortesão e António Sérgio.

0 Oliveira Martins (1845-1894). Jornalista, historiador, político e sociólogo. Um dos mestres de António Sérgio.

0 Eça de Queirós (1845-1900). Romancista e diplomata. Sérgio dedicou-lhe alguns penetrantes ensaios.

(4) Guerra Junqueiro (1850-1923). Poeta. Sérgio criticou-lhe a vacuidade do pensamento subjacente aos seus poemas.

0 Guilherme Braga (1845-1924). Poeta.

0 Gomes Leal (1848-1921). Poeta.

0 Carlos França (1877-1927). Médico parasitologista e zoologista. Dedicou-se a estudos da história das ciências, sobretudo do período renascentista.

0 Ao que sabemos, esta comunicação nunca chegou a efectivar-se.

### Querido Amigo

Muito obrigado pela sua carta, pelos seus magníficos conselhos, pelos opúsculos do Carlos França e pelos livros do Antero. A minha vida tem andado bastante contrariada, crescendo, nestes últimos

tempos, a complicação de uma mudança de casa com todos os mil aborrecidos trabalhos correspondentes. Estou agora em 234, rue du Faubourg Saint-Honoré, Paris 8<sup>e</sup>. Desde que saiu, quasi não pude meter mão no tal trabalhito em francês. Entreguei há uns doze dias ao editor os capítulos relativos à geografia, à historia, à literatura, à arte e às colonias; falta-me achar tempo para começar a redacção dos capítulos sobre a ciência e a economia 0). Sobre o Espinosa não poderei de-certo fazer nada.

Gostaria, com efeito de ter a *Alma Nova* (2); mas peço-lhe que ma faça remeter mais tarde, para Santiago. E as folhas já impressas do seu Heitor Pinto? (3)

Já revi as ultimas provas dos *Retratos de mulheres*. Acaso não levarão muito tempo a aparecer. Os *Estudos Críticos* do C. B. Chaves C) pareceram-me muito bem. Quando aparece o seu *Discurso do Método?* Se bem me lembro, disse-me que já estava impressa uma boa parte. E o discurso na Haya? Não pode dar um trecho à *Seara*?

Quanto ao meu afilhadito, vejo que não tem emenda. Nasceu com todos os vícios nacionais: pensamento aéreo, verborreia, incapacidade de organização, puerilidade no conceber... Uma desgraça!

Bom seria que na Biblioteca da Universidade de Santiago houvesse as obras do O. Martins e do Eça!

Um bom abraço do seu mt.º grato amigo e admirador

A. S.

P. S. 234, rue du Faubourg Saint-Honoré, Paris, 8<sup>e</sup>

¿Teria o Nascimento (5) da tipografia, recebido a minha *Tréplica*, ao Malheiro Dias? (6)

O Se julgamos bem, trata-se de um estudo que foi publicado para a reunião da *Association des Anatomistes*, realizada em Abril de 1933, em Lisboa, por iniciativa de Celestino da Costa, e que saiu com o seguinte titulo *Le Portugal*, s.a., s.ed., s.d., impresso na Ocogravura, Ld.ª d'Oliveira Ld.ª, R. Nova do Almada, 53, 2.º, Lisboa, 156 p. Como se depreende pela carta, António Sérgio encarregou-se dos capítulos relativos à Geografia, à História, à Literatura, à Arte, às Colónias. Incumbia-lhe ainda redigir partes respeitantes à Ciência e à Economia.

09 Guilherme d'Azevedo, *A Alma Nova*, 1874.

C3) Joaquim de Carvalho, «Literatura religiosa do séc. XVI (Fr. Heitor Pinto, Fr. Amador Arrais e Fr. Tomé de Jesus)», *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. 3, 1932.

(4) Castelo Branco Chaves, *Estudos Críticos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932.

(®) Trata-se de Adriano do Nascimento, secretário-revisor da Imprensa da Universidade.

(6) António Sérgio, *Tréplica a Carlos Malheiro Dias sobre a questão de O Desajado*, Lisboa, Seara Nova, 1925.

Hotel España. Rua Nueva  
Santiago de Compostela  
15-3-33

Querido Amigo

Muito e muito obrigado pelos exemplares dos *Retratos de mulheres*. Poderia dar ordem de remeterem um *Leibniz* ao Ezequiel de Campos O, Praça de Carlos Alberto, 71, Porto?

Como tem passado agora? Eu cá vou, sempre muito bem. E a sua revista filosófica? <sup>(2)</sup> E o Espinosa? E o Descartes?

Os socialistas não poderiam ajudar a fazer sair uma tradução das *Cooperativas de consumo* do Gide? (última edição?) <sup>(3)</sup> A edição antiga já foi traduzida em português, mas está esgotada.

Sabe se é muito difícil conseguir os *Falsos Apóstolos* e o *Bispo* do Guilherme Braga? <sup>(4)</sup>

O Bustamante <sup>(5)</sup> a que o meu Amigo se referia nas suas cartas só há pouco chegou de uma viagem de estudo a Itália. Eu supus que aludia a um outro Bustamante, que é bibliotecario da Universidade. Os livros não estão ainda acabados de catalogar. Espero que o estejam para, com o seu Bustamante — professor de historia — os dispor na sala especial destinada à livraria do Instituto de Estudos Portugueses. Já lhe falei em lhe acusar oficialmente o recebimento da sua última remessa. Ele respondeu que sim, mas não me anunciou depois que já o houvesse feito. Mas tem andado com o espírito prêso por um conflito universitário que se estendeu por toda a Espanha. Os rapazes exigem uma depuração do professorado. Tem razão, mas achar a fórmula do *modus faciendi* é que não é simples.

O Bustamante pediu-me um artigo para um livro de homenagem ao Cadarso. Sei que o meu Amigo também tem de contribuir. Rabisquei uma coisita <sup>(6)</sup> em que volto à questão do *Ser e Não-ser*, no Antero de Quental e do que eu chamei (naquelas minhas antigas *Notas*, redigidas no primeiro ano da Escola Naval, e publicadas por um amigo em 1908) <sup>(7)</sup> e do que eu chamei «a passagem do vocabulário de Hegel para o de Schopenhauer» <sup>(8)</sup>. Lá me refiro, com a devida homenagem à sua *Evolução espiritual de Antero*.

Um grande abraço do seu

A. S.

<sup>0</sup> Ezequiel de Campos (1874-1965). Economista e político. Formado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica do Porto, chegou a professor catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Foi ainda deputado à Constituinte em 1911, e Ministro da Agricultura (Novembro de 1924 a Fevereiro de 25) no governo de José Domingos dos Santos, com o apoio da *Seara Nova*. Dedicou-se sobretudo ao estudo dos problemas agrícolas, à electrificação e à hidráulica. Aproximou-se do corporativismo, tendo sido membro da Câmara Corporativa de 1935 até morrer.

<sup>0</sup> Este projecto só foi realizado por Joaquim de Carvalho em 1951, ano em que, dirigida por ele, saiu em Coimbra a *Revista Filosófica*, publicação quadrimestral de estudos filosóficos e histórico-científicos.

<sup>0</sup> Charles Gide (1847-1932). Economista francês defensor do cooperativismo. Um dos mestres de Sérgio no campo das ideias económicas.

## Cartas do exílio de António Sérgio

(4) Guilherme Braga (1845-1874). O poema *Falsos Apóstolos* saiu em 1871; *O Bispo* foi editado em 1874.

(5) C. Perez Bustamante, historiador, colaborador da *Revista de História*, X ano, 1921, e XVI ano, 1927.

(6) Ignoramos se esta colaboração se chegou a concretizar.

(7) António Sérgio, *Notas sobre os sonetos e as tendências gerais da filosofia de Antero de Quental*, Lisboa, Livraria Ferreira Editora, 1909. Este ensaio foi escrito entre 1903 e 1908.

(8) Arthur Schopenhauer (1788-1860). Filósofo pessimista alemão.

58

Hotel España. Rua Nueva  
Santiago de Compostela  
22-3-33

Querido Amigo

Seria possível obter eu por empréstimo — da Biblioteca da Universidade ou de outra origem — o *Traité de Vençânement* O, etc. do Cournot, e o *Portugal e o Socialismo* do Oliveira Martins? (2) Tenho ainda em Lisboa uns folhetos que o meu Amigo me emprestou, e que restituirei mal regresso. Sou dos raros que restituem os livros tomados de empréstimo. Não tenha medo!

Quando aqui cheguei recebi uma oferta de livros e certas amabilidades do consul português em Vigo, Sr. Pestana de Vasconcelos (3). Supus que se tratasse de algum correligionário nosso ou meu leitor, e ofereci-lhe um folheto, com agradecimentos. Ontem tive que ir ao nosso consulado em Vigo tratar do negócio de uma procuração, e conheci pessoalmente o homem. Foi amabilíssimo, falou-me na sua pessoa, etc., mas mostrou-se um grande partidário da ditadura, sem deixar por isso de ter a maior consideração por certos adversários da Dita. Fiquei um pouco embaraçado, ante as relações cordiais que já tivera com o homem, em resposta às amabilidades dele. Que informações me dá do cavalheiro? Que me aconselha?

Saudações da minha mulher.

Seu mt.º grato e dedicado amigo e admirador

A. Sérgio

0) Antoine-Augustin Cournot (1801-1877). Matemático e filósofo francês. O *Traité de Vençânement des idées fondamentales dans les sciences e dans l'histoire* foi publicado em 1861.

(2) Oliveira Martins, *Portugal e o Socialismo. Exame constitucional da sociedade portuguesa e sua organização pelo socialismo*, 1873.

Q) Deve tratar-se de João António Pestana de Vasconcelos (1877-1955). Oficial do exército, esteve em comissão de serviço no Ministério dos Negócios Estrangeiros entre 1911 e 1922 e, depois, entre 1929 a 1944. Aderiu ao 28 de Maio e ao Salazarismo, tendo exercido vários cargos importantes entre os quais o de director do jornal *Portugal*, órgão situa-tuacionista.

Gran Hotel ESPAÑA  
TODO CONFORT  
RUA NUEVA, 40  
Teléf. 1200

30 Março 1933

Querigo Amigo

Muito e muito obrigado pelo *Traité*, que será tratado com todo o mimo.

Os estudantes de aqui estão em *huelga*, e de-certo já não voltam às aulas antes das férias. Lembrei-me por isso de ir a Portugal passar o tempo até o fim das ditas férias. Não posso ir para Lisboa porque aluguei a minha casa até Maio. Haverá em Coimbra ou arredores um hotelito ou pousada baratinha? Por que preço? O meu Amigo, provavelmente, ignora, mas talvez algum dos rapazes — Silvio de Lima, etc \_\_\_\_\_ pudesse informar-se, e informar-me

Ex corde

A. S.

Quinta do Mosteiro. Leça do Bailio.  
Senhora da Hora C)

14-4-33, digo 13

Querido Amigo

Afinal, tenho de desistir de ir a Coimbra. Aqui tenho passado umas férias excelentes em casa do Ezequiel de Campos.

Estou com muita curiosidade de ler o seu artigo sobre Antero e Hartman (2), ou sobre a influência do Feijoo (3) em Portugal, tema também muito atraente, e que creio inteiramente novo. Eu, pelo menos, nunca li nada sobre o assunto.

Ao acabar o curso de Santiago, de aqui a um mês, vou defrontar o difícil problema de encontrar um emprêgo em Lisboa. Não sei ainda em que rumo hei de lançar as minhas buscas.

Falou-me em tempo no regime adoptado pelo Mexico com o Vaticano, e prometeu-me dar-me sobre o assunto um artigo para a *Seara*. Conviria. Dominam ideas de um simplismo brutal.

Em Maio, ao regressar a Lisboa, gostaria de dar à revista um carácter mais interessante, mais actual, mais europeu. Posso contar com a sua colaboração?

Seria possível dar ordem de que remetessem para aqui (para dar ao Ezequiel) um exemplar do *Leibniz*? E o *Discurso do Método*?

*Cartas do exílio de António Sérgio*

Tenho em Lisboa aquela metade da tradução do Russell, que mandou interromper.

Muito dedicado e grato amigo e admirador

A. S.

0 Trata-se da primeira carta escrita de Portugal, depois de 1927. Sérgio, beneficiando de recente amnistia, preparava-se para regressar a Lisboa.

0 Joaquim de Carvalho, «Antero de Quental e a filosofia de Eduardo Hartmann», *In Memoriam de Delfim dos Santos*, 1934.

0 Não conhecemos nenhum estudo de Joaquim de Carvalho especificamente dedicado ao Padre Feijoo (1676-1764).

61

TR. DO MOINHO DO VENTO, 4

LISBOA

2-6-33

Querido Amigo

Eis-me instalado em Lisboa há uma dúzia de dias. Rogo-lhe que, se aqui vier, não deixe de me avisar.

Trouxe comigo o exemplar da *Lirica* de Camões que ofereceu ao Instituto de Estudos Portugueses da Universidade de Santiago; seria favor remeter outro ao Bustamante, por *minha conta* (fazendo-me debitar da importância respectiva) afim de substituir o que eu trouxe. Leu o meu artiguito sobre o assunto na última *Seara*? O Pa-receu-lhe razoável?

Estivemos outro dia na casa da sua cunhada. Estava de bom aspecto, mas queixava-se de não sei que padecimentos que um Esculápio alvitrou fosse uma úlcera no estomago, mas que outro declarou não poder ser tal cousa.

Um grande abraço do mt.º amigo e admirador

A. Sérgio

0 António Sérgio, «Questão prévia de um ignorante aos prefaciadores da lírica de Camões», *Seara Nova*, n.º 343, 18-V-1933, pp. 99-115.

62

Lisboa, 18-7-33

Querido Amigo

Felicito-o pelo seu excelente artigo *Democracia e Liberalismo*, no *Diário Liberal* de ha dois dias 0). Aquelas palavras lúcidas estavam sendo bem necessárias, porque os nossos jovens amigos da *Ren-*

António Sérgio

*vagão Democrática* (2) resolveram fazer-se notar pela audácia na asneira, infelizmente.

Suponho que irá passar as férias à Figueira da Foz: resolvi por isso entregar ao Reis Machado (3), que para lá parte brevemente, os livros que fez o obséquio de me emprestar.

Que tenciona fazer êste verão?

A mim suspendeu-me a censura um livro que estava já composto, e há dias a policia politica teve-me preso incomunicável durante cinco horas. Situação financeira péssima, que vou procurando remediar com pequenos trabalhitos.

Seu mt.º grato

António Sérgio

0) Sérgio refere-se ao artigo «Liberalismo e Democracia ou Glosa de um juízo de Herculano», *Diário Liberal*, n.º 247, II ano, 16-VII-1933, p. 1. O *Diário Liberal*, era um órgão republicano de cuja redacção faziam parte Carlos Lopes de Alpoim, Hernâni Cidade, Azevedo Gomes e o próprio Joaquim de Carvalho.

0 Agrupamento político-cultural que lançou em 1933 o manifesto *A organização da Democracia* e o opúsculo *Princípios Democratistas*. Dele faziam parte, entre outros, Lobo Vilela, Domingos Monteiro, Delfim dos Santos, Álvaro Ribeiro, Adolfo Casais Monteiro, Freitas e Silva, José Marinho, Joaquim Magalhães, Eduardo Salgueiro, A. Sarmento, Manuel Anselmo, Mário de Castro. Publicava os *Cadernos de Literatura Democrática* de que saíram vários números.

0 Augusto Reis Machado. Nasceu em 1887. Bacharel pela Universidade de Lisboa, foi professor da Escola Normal Superior a partir de 1918. Em 1934 foi nomeado metodólogo de História e Filosofia no Liceu Normal de Lisboa.

63

TR. DO MOINHO DO VENTO, 4  
LISBOA

22-7-33

Querido Amigo

A Aliança Republicana O vai organizar as suas comissões distritais. Entendemos que não deveríamos escolher o nosso representante (da *Seara*) na Comissão de Coimbra sem primeiro o consultar. Rogo-lhe que nos diga com absoluta franqueza se por qualquer motivo (que não é necessário explicar-nos) lhe desconviria representar-nos nesse organismo. Caso assim sucedesse, seria favor convidar em nosso nome o Silvio de Lima; não podendo o Silvio de Lima, o Nemésio; não podendo o Nemésio, o Lopes Graça (2).

Não sei se tem alguma cousa a dizer na questão *Infante D. Henrique*, que a imprensa de Lisboa agora agita (3), sobretudo no que respeita à tese da ignorância cosmográfica do homem, que o Duarte Leite (4) sustenta: se sim, teríamos muito gôsto de a publicar na *Seara*

*Cartas do exílio de António Sérgio*

(a não ser que se reserve para o *Liberal*). E não terá qualquer outro artigo para nós?

Seu

A. S.

P. S. Pareceu-lhe bem o meu artiguinho sobre a lírica de Camões?

0 Numa reunião efectuada a 5 de Julho de 1931 no *Centro Republicano Magalhães Lima*, foi apresentado oficialmente o Directorio da Associação Republicana Socialista. Nas comissões da A.R.S. estavam representantes dos partidos Democrático, Socialista, Esquerda Democrática, União Liberal, Radicais, e independentes. Compunham o Directorio Adriano António Crispiniano da Fonseca, Amílcar Ramado Curto, António de Almeida Arez, Carlos Belo de Morais, José Francisco de Azevedo e Silva, José Mendes Cabeçadas Júnior, J. M. R. Norton de Matos, Mário de Azevedo Gomes, Mário de Castro, Maurício Costa, Tito Augusto de Morais. Em Coimbra, Joaquim de Carvalho estava ligado à Associação. Esta tinha em funcionamento comissões em numerosas localidades. O seu manifesto era de inspiração demo-liberal e descentralizador (veja *República*, 3-7-1931). O fracasso das intencionas contra a ditadura levadas a cabo em 1931 deve explicar a rápida extinção do activismo da A.R.S.. A carta de Sérgio, datada de dois anos depois, só pode significar, assim, uma tentativa de a fazer reviver, não deixando de ser importante o facto de ter perdido a caracterização socialista.

(2) Fernando Lopes Graça. Nasceu em 1906. Compositor e musicólogo.

0 Eco dos artigos que Duarte Leite publicou no *Diário Liberal* (Julho e Agosto de 1933) subordinadas ao título *A cultura científica do Infante*. Pensamos que Joaquim de Carvalho não chegou a satisfazer o pedido de António Sérgio.

(4) Duarte Leite Pereira da Silva (1864-1950). Professor, embaixador e historiador.

64

TR. DO MOINHO DO VENTO, 4  
LISBOA

Domingo 30 [7-1933]

Querido Amigo

O Reis Machado leva-lhe o Cournot e a biografia do Espinosa. Irá morar para o Largo do Pinhal n.º 5, telefone n.º 3. Pedê-lhe que lhe escreva ou telefone a dizer *precisamente* onde o meu Amigo vai morar nos Palheiros, de maneira que possa dar com a sua pessoa sem glande dificuldade. Ainda me ficam duas ou tres cousas suas, que não posso restituir neste momento por se acharem encaixotadas em caixas que trouxe de Paris.

Na secretaria da *Aliança* nada consta sobre a Comissão municipal e distrital de Coimbra. Rogo que escrevam ao secretario (Simões Raposo O, o mais velho) a comunicar-lhe os nomes dos membros da Comissão, e, se possível, os das comissões concelhias.

Agradeço as diligências a meu favor para o próximo ano em Coimbra. Não posso ir morar para lá; mas assim como o Nemesio vem a Lisboa dar a sua aula, poderia eu ir todas as semanas até o Mondego. Não sei para que especie de curso me destinam. Preferiria ser agregado à sua pessoa, para uma espécie de aula prática e comen-

*António Sérgio*

tada de uma obra (a sua tradução do *Discurso do Método*, por exemplo, se já estiver impressa nessa época). Seu mt.º grato, dedicado e admirador

A. S.

O Luís Robertes Simões Raposo (1898-1934). Formou-se em Medicina, na Universidade de Lisboa, em 1923. Seguiu a cadeira docente e de investigação integrando inicialmente a equipa do prof. Celestino da Costa. Interessou-se igualmente pelos problemas pedagógicos. Quando em Dezembro de 1923 António Sérgio foi ministro da Instrução, escolheu Simões Raposo para seu chefe de gabinete. Em 1929, quando foi criada a *Junta de Educação Nacional* pelo ministro Cordeiro Ramos, foi nomeado seu 1.º secretário.

65

## ALIANÇA REPUBLICANA

### SECRETARÍA DO DIRECTORIO

Séde provisoria.  
(CENTRO 10 DE JANEIRO)  
Rua do Mundo, 17, 2.º  
Telef. 2 5440  
LISBOA

14-8-33

Meu querido Amigo

Rogo-lhe o obséquio de mandar comunicar para aqui, o mais breve possível, a composição da Comissão Municipal da Aliança em Coimbra, pois que se ignora nesta sede tudo quanto diz respeito a tal assunto.

Amigo mt.º atento e ad.ºr

António Sérgio

66

TR. DO MOINHO DO VENTO, 4  
LISBOA

Domingo [11-9-33]

Pedi-lhe há dias a bibliografia portuguesa *do século XIX* sobre o Padre Feijoo. Era para transmitir (declarando, claro está, donde ela provinha) ao Dr. G. Marañón C), Serrano 43, Madrid. Ele precisa da cousa acé 15 deste mês. ;Quererá fazer-me o obséquio de lha remeter directamente, declarando que o fez a meu pedido?

Mil agradecimentos antecipados

Seu

A. Sérgio

P. S. Tive grande prazer em verificar que o meu amigo não assinou a mensagem dos catedráticos (2). Porque o fizeram homens como o Geraldino Brites? (3)

C<sup>1</sup>) Gregorio Marañon (1887-1960). Catedrático da Faculdade de Medicina de Madrid. Marañon recolhia elementos para os estudos «Revisión de la historia del hombre-pezo», *Revista Occidente*, n.º 125, 1933, pp. 162-83; *Vocación, preparación y ambiente teológico e medico del P. Feijoo. Discurso de ingreso en la Real Academia Española*, Madrid, 1934; e *Las ideas biológicas del P. Feijoo*, Madrid, 1934.

(2) Trata-se de uma mensagem sobre a situação pedagógica e financeira do professorado superior feita por muitos catedráticos da Universidade de Coimbra.

O Geraldino Brites. Nasceu em 1882. Formou-se em Medicina no Porto, em 1907. Colocado em Lisboa, transitou para Coimbra em cuja Universidade leccionou a cadeira de Histologia, tendo chegado a professor catedrático. Como chefe dos serviços de Tanatologia, foi um dos peritos encarregados de autopsiar o cadáver de Sidónio Pais.

67

### Querido Amigo

Muito obrigado pela sua carta. O que o Marañon quer é uma simples bibliografia, a mera lista dos títulos das obras ou artigos que se publicaram em Portugal sobre o Feijoo no século XIX. Pode valer-me neste caso?

Cá tenho lido com o máximo interesse os seus artigos O, lúcidos e oportunos, e espero a continuação. Quanto à representação dos lentes claro que, *se todos fossem o que deviam*, precisariam de mais dinheiro e menos horas de trabalho; porém, ha aquela questão prévia de êles merecerem a cátedra, de serem verdadeiros mestres, e de terem, portanto, o direito de reclamar. *Nessa questão prévia a Seara Nova* terá de pôr-se ao lado do Rocha-Martins (2), se bem que discorde da sua maneira de discutir o problema da pecúnia. A sua intervenção no debate é delicadíssima. Conviria que não desse a menor impressão de defender os cavalheiros. A *Seara* vai de-certo indignar altamente os seus colegas. Paciência (3). A Universidade de Coimbra tem, como sabe, a antipatia de toda a parte democrática e progressiva do paiz. O artigo do Hernani Cidade (4) pareceu-me impolítico.

Um abraço e agradecimentos do seu mt.º admirador e amigo

P. S. Dizem-me que o redactor da mensagem foi o Cabral de Moneada (5). É verdade?

13-9-33

O Sérgio refere-se aos artigos escritos por Joaquim de Carvalho com o título «Com a razão nas mãos e ao lado, um cálice de bom senso. Aos Srs. Domingos Monteiro, Manuel Anselmo e Mário de Castro», *Diário Liberal*, n.ºs 292, II ano, 30-VIII-1933, p. 1; 295, 2-IX-1933, p. 1; 300, 7-IX-1933, p. 1.

O Francisco José Rocha Martins (1879-1952). Jornalista e historiador.

## *António Sérgio*

(3) Embora não assinada, mas sem dúvida da autoria de António Sérgio, a *Seara* publicou a nótula «Esclarecimento a um tradicionalista sobre a corporação sebenteira de Coimbra» em que se criticava o tom corporativista da petição. Veja-se *Seara Nova*, n.º 359, XII ano, 12-X-1933, pp. 356, 369.

(4) Sérgio critica o artigo de Cidade, «A representação do professorado de Coimbra», *Diário Liberal*, n.º 302, II ano, 9-IX-1933, p. 1.

(5) Luís Cabral de Moneada (1888-1974). Professor catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra. Escreveu numerosos trabalhos sobre Direito, História do Direito, Política e Filosofia. As suas ideias sóciopolíticas foram contestadas por Sérgio em polémica que ficou célebre.

68

EMPRESA DE PUBLICIDADE

**S E A R A N O V A**

Depositário: Rua Nova do Almada, 89

Officinas: Ca'çada do Tejolo, 37 - A

LISBOA                      Telefone: 2 8451

[8-10-33]

**Querido Amigo**

**Mil agradecimentos. Mas peço que não pense mais no assunto,  
pois me é impossível ir morar para Coimbra.**

**E gratissimo pela idea e boa vontade**

**Muito seu**

**A. Sérgio**